

AL JALIAH

Edição nº 1 - 2026



الجالية

Revista de Assuntos Árabes e Árabe-Diaspóricos

Al Jaliah
Revista de Assuntos Árabes e Árabe-Diaspóricos

Número 1.

Março de 2026.

COMITÊ EDITORIAL

Joaquim C. Racy (PUC-SP)

Safa A. A-C. Jubran (USP)

Salam W. Rassi (Universidade de Edimburgo)

Direção Geral:

Gustavo Racy e Yara Osman

Direção Editorial:

Talal bou-Kheder

Capa:

Yara Osman

Diagramação:

Gustavo Racy & Yara Osman

Edição:

Gustavo Racy

Revisão:

Jibril Keddeh & Paula M. P. D. B. Racy

الجالية

As imagens de jornal foram resgatadas de repositórios públicos.
Demais imagens se encontram devidamente creditadas com link incorporado.

Imagens de João Sousa gentilmente cedidas para uso pelo autor.
HQ de Douglas Lambert gentilmente cedida para uso pelo autor.

Leia nosso **Manifesto**

Para colaborar conosco, clique **aqui**

Al Jaliah, Revista de Assunto Árabes e Árabe-Disapóricos.
Distribuição online gratuita.
Sem fins comerciais.

ÍNDICE

EDITORIAL

7

HISTÓRIA-POLÍTICA-SOCIEDADE

Ontem e Hoje

Mustafa Lutfi Al Manfaluti

14

Conflito entre Árabes Muçulmanos e Católicos em 1914 na Cidade de Salvador da Bahia

Adma Muhana

20

Adib Al Chichakli: A Longa Sombra de um Ditador, da Síria ao Brasil

Gustavo Racy

38

A Cabeça que Acena (Sim-Não): O conflito entre o Governante e o Governado

Mwaffaq Al Hajjar

54

CULTURA-ARTES-LETRAS

Se Sois um Povo Grandioso 68
Mohamed Al Saghir Ouled Ahmed

Exposição Al Jaliah 73
João Sousa

“Se eu Devo Morrer”, de Refaat Alareer 90
Adaptação em quadrinhos por Douglas Lambert

RESENHA

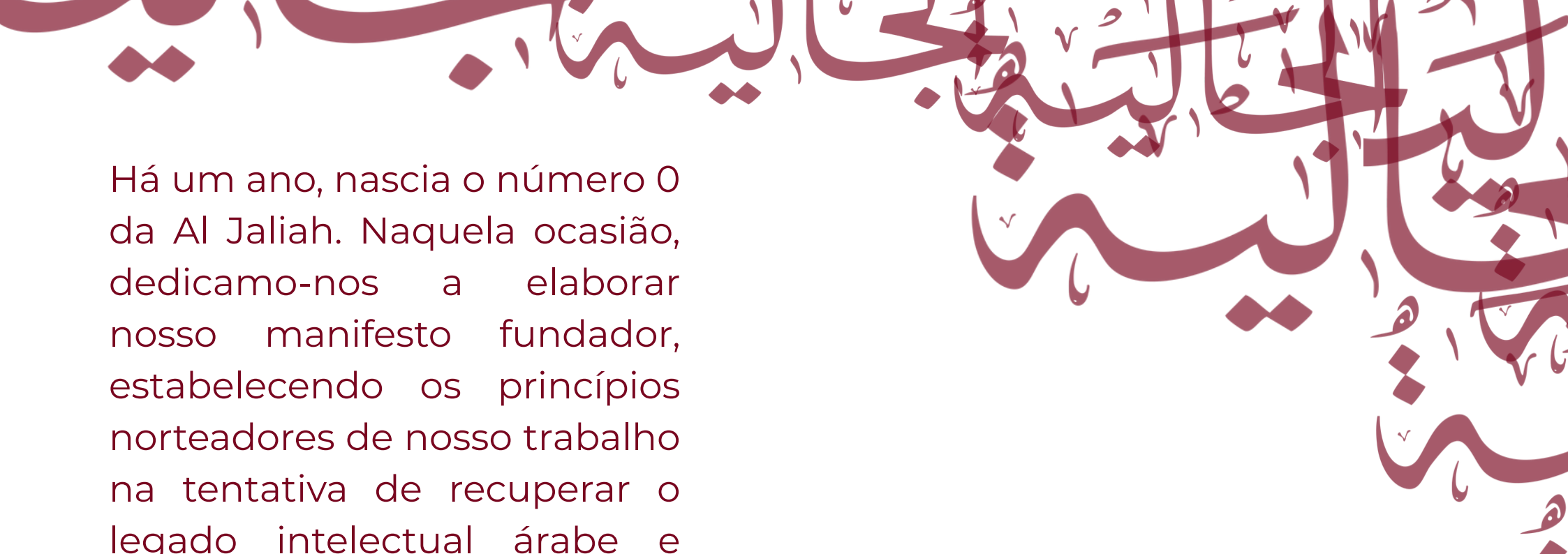
*As fronteiras da Palestina: Psicanálise
como Prática de Resistência* 96
Marcus Vinícius Neto Silva

ANEDOTA

“E Você, Charhou” 106
Sami Joaquim Racy

SOBRE OS AUTORES 112

EDITORIAL



Há um ano, nascia o número 0 da Al Jaliah. Naquela ocasião, dedicamo-nos a elaborar nosso manifesto fundador, estabelecendo os princípios norteadores de nosso trabalho na tentativa de recuperar o legado intelectual árabe e aprofundar a pesquisa sobre as questões diaspóricas. Hoje, apresentamos nossa primeira edição, fruto de um esforço incansável que tem como objetivo construir pontes de conhecimento e abrir horizontes intelectuais para todos aqueles que buscam renovação e transição em direção a visões alternativas.

As ideias publicadas nesta edição buscam conectar passado e presente, esforçando-se para delinear formas de relação entre as representações coletivas que fundamentam formas de conhecer a realidade, e para afirmar a interconexão entre as trajetórias políticas coletivas e individuais como espelho da comunidade e personificação dos fenômenos que conferem à nossa sociedade sua forma num momento de perigo, perigo este que nunca cessa.

Síria, Brasil, Líbano, Palestina, Egito, Tunísia. Do comentário histórico à resenha, da fotografia e da poesia à ensaística, do conto moral à anedota, o novo número da Al Jaliah transita por espaços geográficos e simbólicos, mantendo sua postura e visão críticas através de caminhos pelos quais se constitui e aos quais, por sua vez, contribui para moldar. Aqui, buscamos apresentar um panorama diversificado de textos e experiências que se cruzam numa única questão: como definimos a nós mesmos hoje, enquanto seguimos os rastros da identidade entre memórias múltiplas e lugares distantes?

Não é, portanto, por acaso que abrimos esta edição resgatando um texto de Mustafa Lutfi al-Manfaluti escrito especialmente para a edição de natal de 1923 da Al Jaliah, publicado cinco dias antes do aniversário do autor, que morreria 8 meses depois, “Ontem e Hoje” oscila entre a epístola, o tratado e o conto, abordando as questões da virtude e do vício com uma linguagem que mescla o senso reformista com um tom contemplativo, buscando instigar o leitor a questionar a névoa que voluntariamente colocamos sobre nossos olhos no cotidiano, apoiados pela falsa certeza de que só nós compreendemos a essência da virtude, praticando-a corretamente.

Da lição de Manfaluti que inaugura a nova edição, passamos ao comentário histórico de Adma Muhana, “Conflitos entre árabes muçulmanos e católicos em 1914 na cidade de Salvador da Bahia”. O texto interroga um incidente reportado extensamente pela imprensa brasileira da época, revelando as complexidades da imagem dos árabes no início do século XX em uma das maiores capitais brasileiras, com todas as ambiguidades e representações contraditórias que esta imagem carrega. O texto não se limita a desconstruir a imagem estereotipada comum no Brasil sobre o imigrante árabe disciplinado e trabalhador, mas nos coloca diante das manifestações de racismo, tanto explícito quanto implícito, dirigido contra árabes em geral e muçulmanos em específico, estabelecendo referências importantes para a compreensão de nossa história na diáspora.

Em um contexto conexo, que aborda a década de 1950 e 1960, Gustavo Racy recupera a trajetória de Adib Al Chichakli, es-presidente sírio assassinado no interior do Brasil. Através deste incidente pouco presente na memória brasileira, o texto abre um espaço para a reflexão sobre as ironias da história e suas intersecções inesperadas entre Síria e Brasil, num cenário que a sugere que a história não cessa de se repetir.

Sob o título “A cabeça que oscila (Sim e não) - conflito entre governante e governado”, Mwaffaq Al Hajjar apresenta um artigo engahado com as questões deixadas em aberto por Racy. Al Hajjar reflete sobre o clima político e social sírio durante momentos de transição aguda, e sobre os mecanismos ideológicos que levam as sociedades a reproduzir padrões

de poder e submissão. Partindo dos comentários de Jacques Derrida à obra de Alain, mas servindo-se, também, de Louis Althusser e 'Abd al Rahman al Kawakibi, Hajjar levanta uma questão ética que se torna cada vez mais premente: como dizer “não” num momento em que tudo parece suscetível à hesitação?

Passando para a seção dedicada às artes e às letras, temos a tradução de “Se Sois um Povo Grandioso”, do poeta revolucionário tunisiano Mohammed al Saghir Ouleid Ahmad, por Yara Osman. Pouco conhecido entre nós, Ahmed foi um importante poeta contemporâneo, figura presente nas manifestações populares. Até onde pudemos investigar, esta é a primeira vez que seus versos são traduzidos para o português. À audiência árabe, apresentamos uma tradução, adicionada de uma introdução crítica, de um capítulo de *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, pela doutora Safa Jubran. Nassar é um dos mais importantes romancistas contemporâneos brasileiros, tendo recebido o prêmio literário máximo da literatura em língua portuguesa, o Prêmio Camões, bem como duas vezes agraciado com o Prêmio Jabuti. *Lavoura Arcaica*, seu romance mais conhecido, trata, de forma geral, da vida de uma família árabe no Brasil, explorando temas de poder, patriarcalismo, liberdade, sexualidade e vida familiar.

Visualmente, a narrativa fica por conta do fotógrafo português radicado em Beirute, João Sousa, que apresenta um testemunho fotográfico e uma experiência pessoal dos eventos que abalaram o Líbano desde 7 de outubro de 2023 até o assassinato de Hassan Nasrallah. É um ensaio potente, que faz aflorar a delicadeza de uma vida que resiste incessantemente.

A presença artística continua com a adaptação em HQ do poema de Refaat Al Areer por Douglas Lambert. Ao ilustrar o poema famoso, Douglas Lambert fornece à Al Jaliah o anseio de materializar seu formato digital integrando a arte dos quadrinhos.

Na seção de resenhas de livros, o psicanalista e editor da Edições Inadequadas Marcus Vinicius Neto Silva reflete sobre o livro *Psychoanalysis Under Occupation*, de Stephen e Lara Sheehi. Aí, Silva questiona o papel da psicanálise no contexto do colonialismo: pode a psicanálise servir de ferramenta para a compreensão do sofrimento no contexto do colonialismo de ocupação, ou corre o risco, ao reivindicar neutralidade, de se tornar parte dos mecanismos que o produz?

Concluindo, em homenagem à nossa tradição, publicamos a divertida anedota intitulada “Charhou”, resgatada do arquivo da edição da AL Jaliah de 30 de novembro de 1923, lembrando-nos que o humor e a ironia são também documentos históricos e referência para pesquisa e análise, além de instrumentos de crítica.

Eis, então, nosso novo número. Em sua diversidade, ele reúne uma sensibilidade particular em relação à história, à memória e às questões levantadas pela experiência árabe de ontem e de hoje. Agradecendo a todos aqueles e aquelas que nos apoiaram ao longo deste primeiro ano, esperamos que desfrutem, aprendam, divirtam-se, questionem, encontrando em nossas páginas uma porta para ainda mais perguntas.

**Os editores,
Curitiba/Paris
Fevereiro de 2026.**

HISTÓRIA

POLÍTICA

SOCIEDADE

ONTEM E HOJE

Mustafa Lutfi Al Manfaluti

Tradução de Yara Osman e Gustavo Racy
Originalmente publicado em:
Revista Al Jaliah n. 51, 25/12/1923.

Acredito que virtude e vício, tanto quanto beleza e feiúra, são conceitos relativos que mudam conforme os lugares e as épocas. Assim como o que é belo para um povo pode não sê-lo para outro, também o que é considerado virtude numa era pode ser visto como vício em outra. As virtudes e os vícios não são nomes sagrados e imutáveis, como os nomes de Deus. Uma virtude só é virtude porque conduz à felicidade na vida; e o vício só é vício porque conduz ao sofrimento. Onde uma característica traz felicidade, ali está a virtude — ainda que seja algo que chamávamos outrora de defeito. E onde uma ação leva ao sofrimento, ali está o vício — ainda que outrora fosse considerada digna.

Os estudiosos da moralidade, em todos os tempos e lugares desde Adão até hoje, habituaram-se a apresentar sempre duas tabelas fixas em seus livros e tratados: uma com o título “virtudes”, sob a qual escrevem coragem, generosidade, honestidade, fidelidade, sabedoria, honra, veracidade, justiça, misericórdia. A outra com o título “vícios”, sob a qual escrevem covardia, avareza, traição, perfídia, ganância, baixeza, mentira, injustiça, crueldade.

Mas penso que já é hora de reconhecer que as pessoas de hoje não são as mesmas de ontem, e que os estilos de vida atuais diferem dos do passado. Muitas das qualidades que, na época da vida simples e rudimentar, eram consideradas vícios e que se rejeitavam e desprezavam, tornaram-se, nesta era moderna materialista — fundada na utilidade e no interesse — condições estabelecidas do sistema social e fundamentos indispensáveis de toda atividade humana. As pessoas não podem escapar delas se desejam competir de igual para igual no combate da vida; precisam aprendê-las sistematicamente, como aprendem as demais ciências que regem sua subsistência e determinam sua felicidade.

A generosidade era uma virtude quando as pessoas reconheciam o favor recebido e retribuíaam a quem as beneficiara. Se o generoso caísse na pobreza, encontrava entre aqueles a quem ajudara quem estendesse a mão para tirá-lo do sofrimento. Hoje, porém, quando as pessoas negam o bem que recebem e se incomodam com o peso da gratidão, chegando a zombar do generoso quando ele tropeça, despejando sobre si todos os nomes disponíveis, a generosidade não é uma virtude, nem é sensato invocá-la ou apegarmo-nos a ela.

A misericórdia era virtude quando as pessoas eram sinceras sobre suas próprias condições: só o miserável admitia sua miséria, e só quem realmente não pudesse vestir roupas novas usava roupas velhas. Hoje, porém, as almas se rebaixaram: muitos se fingem pobres sem sê-lo, outros simulam um sofrimento que não experimentam; metade das pessoas tornou-se preguiçosa e vive sem trabalho, se refugiando nas sombras dos corações compassivos, explorando a piedade até secá-la por completo. Assim, a misericórdia se tornou pobreza imediata e perda certa.



A coragem era virtude quando os homens sustentavam o corajoso, apoiavam-no e seguiam seus passos, sem abandoná-lo até que alcançasse a vitória desejada. Hoje, porém, o zelo se enfraqueceu, as resoluções se dissiparam e a respeito se apagou das almas. Quando veem alguém empreender uma causa nacional ou social, o incitam a seguir adiante e ficam observando à distância. Se ele vence, correm para dividir os louros do triunfo; se fracassa, abandonam-no e fingem não conhecê-lo. Deste modo, a coragem se tornou uma loucura que só leva à ruína e à desgraça.

A satisfação com pouco, o chamado contentamento, era virtude quando a dignidade era o critério com que se julgava o valor das pessoas. A pobreza honrava o nobre, desde que suas mãos e alma fossem puras, e a riqueza era vergonha para o vil, quando seus esforços e objetivos eram baixos. Hoje, quando nada resta de glória senão a financeira, e as pessoas se reconhecem mais pelas vestes do que pelos atos, o contentamento tornou-se humilhação, miséria constante e um longo sofrimento.

A ira era um vício quando as pessoas reconheciam a virtude da paciência e se inclinavam respeitosamente diante de quem a possuía. Mas agora, quando as pessoas se tornaram más e carregam suas maldades por toda parte, buscando uma cabeça sobre a qual descarregá-las — desprezando uma cabeça fraca e delicada que não sabe defender a si mesma — já não há bondade na paciência. Toda vantagem está na ira. A vida é um campo de batalha cujos heróis são os maus e cujas armas são os vícios. Quem não lutar com armas iguais será derrotado no primeiro choque.

É necessário que todos fossem virtuosos para que a virtude trouxesse felicidade; ou que todos fossem vis, para que uns temessem a força dos outros. Mas que a maioria empunhe as armas do vício e apenas alguns poucos carreguem o frágil instrumento da virtude, isso só tem um significado: que os nobres perecerão em prol da vida dos vis.

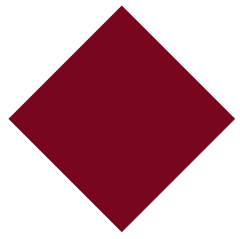
Assim, conluo que conclamar à bondade, generosidade, misericórdia, justiça, honestidade e fidelidade, neste tempo presente, tornou-se apenas uma armadilha preparada pelos fortes astutos para enganar os fracos ingênuos, afastando-os da mesa da vida para que possam desfrutá-la sozinhos. Quem conclama à generosidade quer apenas transferir o dinheiro dos bolsos dos outros para o seu próprio. Quem conclama ao perdão quer apenas atacar sem sofrer retaliação. Quem elogia o contentamento quer apenas reduzir o número dos concorrentes. E quem defende a veracidade quer desfrutar sozinho das vantagens da mentira.

Se todos mentimos, por que acusamos os outros de mentir e falsificar? Se todos sorrimos igualmente para amigo e inimigo, por que condenar a hipocrisia? Se todos desejamos possuir sozinhos os bens e os frutos da terra, por que nos enoja a ganância? Se todos nós espreitamos o momento de descuido do outro para arrancar-lhe o que tem em mãos, por que, então, nos queixamos da injustiça?

Agimos assim porque queremos usar a virtude para nossos fins — assim como os líderes religiosos usaram a fé no passado, e os políticos usam o patriotismo no presente.

A criança deveria aprender, desde o primeiro dia na escola, que a vida real é diferente dos livros, e que as histórias de virtuosos, generosos, cavaleiros, heróis e corajosos são narrativas históricas de um tempo que já passou. Assim não será surpreendida quando descobrir o verdadeiro rosto do mundo, e não perderá a vida entre experiências.

Oxalá aqueles que conhecem mais do que eu os meandros dos vícios pudessem escrever um livro escolar — como os livros de história — ensinando como mente o comerciante, como devassa o artesão, como falsifica o advogado, como engana o médico, como rouba o usurário, como finge o religioso, como manipula o político, como se contradiz o jornalista. Em seguida dir-lhes-iam:

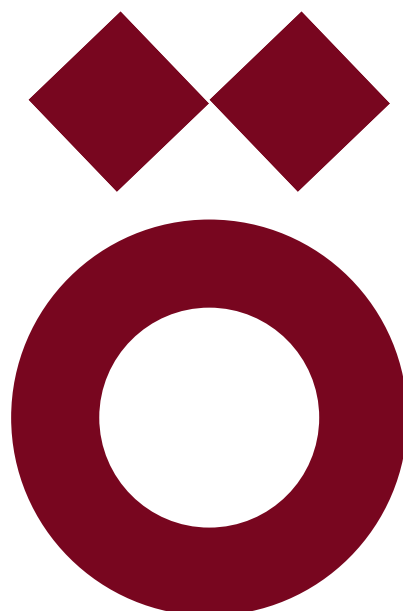


“Esta é a vida. Este é o caminho para nela viver, se o quiseres. Se não quiseres, então refugia-te sozinho numa caverna no alto de uma montanha, longe do mundo e do que ele contém, nutrindo-te como os insetos, até que a morte te encontre.”

O mal só se combate com mal, a injustiça só se levanta com força igual, e o portador da espada só a embainha diante de outro portador de espada. O rio caudaloso só para se houver diante dele uma barreira. O injusto só pratica injustiça quando encontra diante de si um fraco; o trapaceiro só engana quando encontra diante de si um tolo. As pessoas não se protegem mutuamente, não se contêm, nem se resguardam da maldade uma das outras senão quando surgem todas em um mesmo campo, portanto uma única arma, de um único tipo.

Quem deseja a virtude por ela mesma, seu caminho sagrado e nobre é conhecido e certo; que o percorra como quiser. Quem a deseja como um meio de subsistência em uma época como esta e entre pessoas como estas, saiba que errou o caminho e se extraviou da rota.

Quão bela é a virtude! Quão formosa é sua imagem! Quão boa é a vida sob sua sombra! Não fossem os males e as desgraças dos perversos que se interpuseram entre nós e ela. Que a misericórdia de Deus esteja sobre ela, e que pena de seus dias e tempos!



720
المنفلق

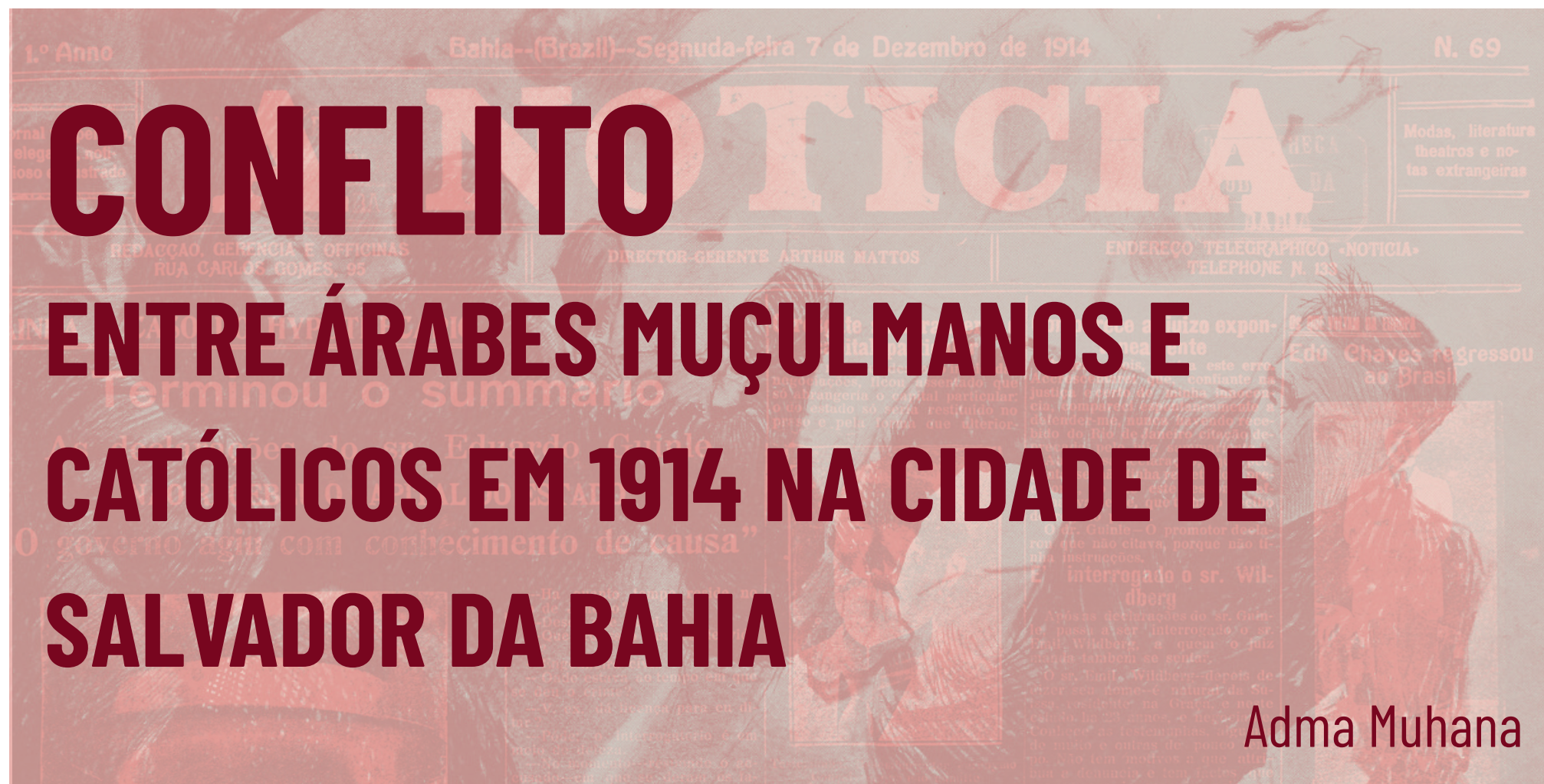
AMERICAN
LIBRARY



السيد طفيل المنفلق

A.M.B. LIBRARY

Reprodução em microfilme da capa da edição dedicada a Manfaluti, em 1924, ano de sua morte.



Ainda não sabemos desde quando levas de árabes imigravam para o Brasil, mais especificamente para o porto da Bahia; mas, em dezembro de 1914, na estimativa do jornal A Notícia. Havia 1400 sírios na cidade de Salvador, dos quais 1100 eram muçulmanos e 300 católicos – isto é, certamente, cristãos maronitas, considerados católicos de rito oriental, uma vez que nunca se separaram da Igreja de Roma.

A levar em conta as crônicas da época, os árabes eram presença constante nas páginas policiais da cidade. Títulos frequentes, sobretudo do Diário de Notícias, são “Árabe gatuno” (Diário de Notícias, 14/10/1914) e “Árabe desordeiro” (Diário de Notícias, 29/10/1914 e 10/11/1914), “Árabes turbulentos” etc. Em 10 de novembro, por exemplo, o “árabe desordeiro” era o mascate Monédio Ignácio, que, no Taboão, desacatara “a uma senhora a quem fora fazer uma cobrança”. O comentário do jornal é um chamado ao chefe de polícia para que reprima esses novos comerciantes, que, segundo constava, faziam vendas a prestação.

Quanto ao “árabe desordeiro” Alexandre Ferreira, que, no mês anterior, o mesmo jornal informa ter promovido um conflito à Rua das Laranjeiras e ter sido preso na Sé, não sabemos que malfeito teria cometido. Já do “árabe gatuno” João Abdon, a informação é que roubara um seu patrício de nome Miguel Cholin, razão pela qual fora preso na mesma estação da Sé.

Consultando os jornais da cidade de Salvador de 1914, em apenas duas ocasiões encontramos referência a árabes como vítimas e não como agressores. A primeira, em 26 de outubro de 1914, quando o *Jornal de Notícias* noticia um “Acidente no trabalho”: o árabe Salomão Ismai, morador na mesma rua das Laranjeiras, procurou o Hospital Santa Isabel, “onde apresentou os dedos da mão esquerda completamente esmagados em consequência da queda de uma barrica de cimento”; foi tratado e retornou à sua residência. Em 10 de novembro, por sua vez, o Estado noticia que um certo Leandro José dos Santos foi preso na rua do Carmo, porque, “um tanto alcoolizado espancava bastante a árabe de nome Martha Salomão”. Sofrerem violência parecia exceção.



Nesse ano, porém, as principais notícias dizem respeito às questões religiosas e políticas que afetam os emigrados do combalido Império Otomano na Bahia e suas vinculações aos países europeus – em vias de colonizar o Oriente Médio. É o momento em que, iniciada a Primeira Guerra Mundial (julho), a Turquia se alia à Alemanha e ao Império Austro-Húngaro (outubro), ao passo que a França, a Rússia e a Inglaterra se põem em lado oposto, formando a chamada Tríplice Entente. No Brasil, “turcos” rapidamente se tornam sinônimo de “árabe” (árabe muçulmano, vale dizer); ao passo que “sírio” designa, de modo geral, os árabes cristãos habitantes do Líbano, região pertencente à Síria que seria ocupada pela França após a vitória dos aliados na Primeira Guerra.

Nesse cenário, em 27 de outubro de 1914, sob o título de “Duelo encarniçado”, o *Jornal de Notícias* relata ter havido um conflito entre o árabe de nome Michel Sonsim e o proprietário da casa *La Samaritaine*, um tal sr. Anad (sic) do qual resultou “engalfinharem-se os dois em uma lucta tremenda”. A briga foi tão feia que teve de ser separada por guardas civis, os quais intimaram “os dois luctadores” a comparecerem à presença do Delegado. Tal conflito, noticiado pelo *Estado*, intitula-se “Entre árabes. Por questões religiosas”. Por meio do jornal, ficamos a saber que a discussão teve lugar na porta da casa de modas *La Samaritaine*, e ocorreu entre os árabes Amad Kalil e Michel Sonsino, os quais começaram a discutir assuntos religiosos e, “no auge da discussão, exasperaram se passando às vias de facto”, o que obrigou os empregados a fugirem espavoridos e os turbulentos serem presos no posto da Sé. É de se supor que o sr. Amad fosse um próspero “sírio”, isto é, um árabe cristão, cuja loja se inspirava no maior e mais famoso magazine parisiense, *La Samaritaine*. Inaugurado em 1870, o suntuoso edifício estava em todo seu esplendor no primeiro quartel do século XX e não era desconhecido na cidade do Salvador. O outro árabe (sem o qualificativo de “senhor”, no *Jornal de Notícias*) seria um daqueles desqualificados turcos turbulentos e desordeiros.



A propósito, no mês seguinte, o *Jornal de Notícias* adverte contra dois desses “súbditos de Essad Pachá”, que agrediram quase à morte uma prostituta que “dormia sossegadamente” em seu quarto. Os motivos não são esclarecidos, mas se noticia que esses “furiosos turcos”, José Gabriel e Mamédio de tal, armados de revólveres, atacaram brutalmente a mundana Judith A. de Jesus (11/11/1914).

Contudo, o grande acontecimento que abalou a cidade, pondo à mostra a tensão que havia entre os dois grupos religiosos, foi aquele que ocorreu em 06 de dezembro de 1914, um domingo, em frente ao número 66 da rua Rui Barbosa, pelas 18 horas da noite. Nesse dia, morreram o sr. Abraham Felix Kraychete (grafado Craichet, Crechete, Crecht, Gresseti, Crachette e Keacheti) e Mamede Jendié (Mamedi Lindi, Mamedio Jaudi ou Mamede Jamil Gendya); apenas *A Notícia* afirma que o segundo morto foi um maometano de nome Zamrini Abdelkader, que não torna a aparecer nas páginas policiais. Além desses, mais três personagens, feridos, foram levados ao Hospital Santa Isabel: Elias Bader, com 3 ferimentos contusos na testa; Salvador Ferreira da Silva, com 2 ferimentos por arma de fogo, no braço e numa nádega; e Aly Hubaibi, com duas facadas, uma nas costas.

Na segunda-feira, dia 07, todos os cinco principais jornais da cidade à época noticiaram com grande destaque o confronto ocorrido. Suas manchetes:

Jornal Moderno

Como ecoa aqui o conflito europeu. Grande conflito entre árabes mahometanos e christãos. Mortos e feridos. A acção da policia.

Jornal de Notícias

Conflicto de árabes no districto da Sé. Mahometanos e catholicos – Dois mortos e três feridos – Providencias da policia

Diário de Notícias

Grande conflito. Árabes que se engalfinham e matam por questões religiosas.

O Estado

A Guerra Santa. Duas mortes. Conflicto, tiroteio, mortes e feridos. Mahometanos e catholicos.

A Notícia

Tiros e mais tiros. Entre Arabes. Na rua Ruy Barbosa – Mahometanos “versus” catholicos. A guerra europea colaborou... 2 mortos e 3 feridos.

TIROS E MAIS TIROS

ENTRE ARABES

Na rua Ruy Barbosa--Mahometanos «versus» catholicos A guerra europea collaborou... 2 mortos e 3 feridos

Ha muito que entre os arabes residentes nesta capital estabeleceram-se duas correntes, determinando esse facto a actual guerra europeia.

Os mahometanos filiaram-se á Cruz vermelha allemã e ha poucos dias deram um festival no cinema Fratelli Vita e os catholicos estão correndo listas de inscripção para effectuarem um festival em favor da Cruz Vermelha franceza.

Ante-hontem, no districto da Sé o arabe Antonio Capezi, catholico, altercou com Joseph Mamedio, mahometano, e com uma navalha feriu este no rosto. O Civil 239 effectuou a prisão de Capezi á ordem do subdelegado da Sé.

Muitos mahometanos chefiados por Mustaffa Jubaile prepararam um ataque aos catholicos, ficando de emboscada no predio n. 66, á rua Ruy Barbosa.

Vindo do cinema S. João passava ás 18 horas por aquella rua, calmamente, o sr. Abraham Felix Crechete, em companhia do seu cunhado Elias Bader, sendo inopinadamente agredido por Mustaffa Jubaile, Mahomed Hassau Bogdadi, Bader Chaik, Osman Chaih, Taubouk, Ahmed Hassau Kasein, Aly Hubaibi e José Jubaile, que dispararam diversos tiros não somente da rua, mas também das janellas do predio n. 66.

O agredido cahiu de braços fallecendo immediatamente.

O seu cunhado, na lucta conseguiu arrebatár nma faca de ponta e com esta feriu nas costas a Aly Hubaibi.

--Na mesma rua, quasi nos fundos do Thesouro, cahiu ferido por faca e bala o mahometano Zamrini Abdelkader, que falleceu alguns minutos depois.

A policia, pelos srs. subdelegado da Sé e o dr. Martinelli, assim como pelo escrivão do dr. chefe de policia tomaram varias providen-

cias; sendo dentre em pouco porrem presos quasi todos que faziam parte do grupo aggressor.

Elias Bader foi preso, quando fugia, pelo capitão Patricio, sendo encontrado em seu poder uma grande faca de ponta, tinta de sangue.

Os mortos foram conduzidos na ambulancia da Assistencia Publica e no carro do Nina Rodrigues para a morgue, onde hoje foram autopsiados.

Os feridos foram recolhidos ao hospital Santa Izabel e são: Elias Bader, com 3 ferimentos contusos na região occipito frontal; Salvador Ferreira da Silva, ganhador de Mustaffa Juvaile com 2 ferimentos por arma de fogo nas regiões externa do braço direito e giutea esquerda, o Aly Hubaibi com um ferimento inciso na região frontal e outro penetrante no bordo do thorax, lado direito.

--O infeliz Abraham Crechete era casado a 1 anno e deixou um filhinho e estava estabelecido á Praça José de Alencar.

--Hontem mesmo á noite foram recolhido á Casa de Correção 12 arabes, envolvidos na scena sangrenta da rua Ruy Barbosa.

--A policia anda no encaixo de Mustaffa Isbella, apontado como principal responsavel pelos assassinios de hontem, não tendo até as 11 horas de hoje descoberto o seu paradeiro.

--Está servindo como interprete nas diligencias policiaes, o sr. João Rafal, arabe e negociante ha muito estabelecido no commercio.

--Para indagações, sobre os crimes de hontem, a policia já effectuou 25 prisões, tendo para isso cercado diversas casas, no districto da Sé.

--E' calculado em 1400 o numero de syrios exitentes nesta capital, sendo 1100 mahometanos e 300 catholicos.

Os detalhes a respeito do ocorrido variam entre os periódicos. Entretanto, pela leitura dos títulos e das matérias, deduz-se que, no conflito entre os árabes, os maometanos agrediram os católicos (apenas um deles diz “cristãos”), e alguns desses jornais atribuem o conflito a uma extensão da guerra europeia. Citamos desses, apenas um, o do *Jornal de Notícias*.

O *Jornal* inicia o relato afirmando a constante desarmonia entre os dois grupos de árabes por motivos religiosos, o que já causara cenas de sangue; mas que, dessa vez, agravada pela atual guerra europeia, culminara em mortes. Segundo o jornal, os árabes maometanos aplaudiam sem reservas a atitude da Turquia, que pregava a guerra santa contra os cristãos, e um grupo residente na Saldanha, no distrito da Conceição da Praia, resolveu fazer um ataque aos católicos. Cerca de trinta deles teriam seguido com esse propósito para a rua Rui Barbosa, onde encontraram o árabe Bader Chaik, a quem começaram a apupar. Ele desfechou um tiro contra o grupo, estabelecendo-se logo um tiroteio que durou cerca de cinco minutos, com muita correria e senhoras presas de crises nervosas. Ao fim do tiroteio, encontraram-se mortos: Abrahão Felix Gresseti, de 25 anos, católico, natural de Beirute, negociante residente ao Pelourinho 61, casado e com um filho menor; e Mamede Jamil Gendya, maometano, negociante ambulante, residente à rua do Saldanha, 28 anos, solteiro, natural de Tartus, na Síria.



“O primeiro recebeu um ferimento, por bala, na região frontal, e o segundo, um ferimento, por faca, na região peitoral esquerda.”

Ficaram feridos: Elias Bader, maometano, marmorista, residente ao Pelourinho, 29 anos; Aly Hubaibi, maometano, natural de Beirute, na Síria (hoje, capital do Líbano); e Salvador Ferreira da Silva, 25 anos, residente à rua do Tesouro 44, empregado de Mustafá Isbelle.

Elias Bader, presumível assassino de Mamede Jamil, foi preso com uma faca tinta de sangue. No posto policial para onde foi levado disse que fora agredido e que o prenderam quando pegara uma faca para se defender. Também foram presos os seguintes maometanos: José Mamedi, Abrahão Salma, Felipe Abrahão, José Antoni. Mamedi Abdon, Selim Chalome, José Abdon, Arsenio Mamedi, Raymundo Mamedi. Além desses, 26 árabes foram enviados para a casa de correção, entre católicos e maometanos, e muitos foram presos no distrito da Conceição da Praia. A polícia está atenta para que não haja novos conflitos por ocasião dos enterros no cemitério da Quinta dos Lázaros. Pela manhã, cerca de 14 sírios residentes à rua Rui Barbosa e do Tesouro quiseram se revoltar contra os católicos e constou que tentariam retirar os companheiros do posto da Sé. Foram presos e enviados à casa de correção.

Quanto ao *Diário de Notícias*, este dá destaque ao fato do assassinato ter sido promovido por “maometamos”, enquanto que o Estado, enfatiza ter sido já contra o grande número de “maometanos” residentes no distrito da Sé, por eles se entregarem à prática de todos os crimes e vícios, “explorando a humanidade”.

O relato do *A Notícia* é o mais alargado em termos das causalidades, e aparentemente, mais imparcial. Também traz informações dissonantes dos demais. Afirma a existência de duas correntes entre os árabes residentes em Salvador, determinadas pela atual guerra europeia. Acrescenta que os maometanos se filiaram à Cruz Vermelha alemã e havia poucos dias realizaram um festival no cinema Fratelli Vita; os católicos, por sua vez, estavam correndo listas para um festival em favor da Cruz Vermelha francesa. Poucos dias antes, o árabe católico Antonio Capezi altercou com o maometano Joseph Mamedio, ferindo-o no rosto com uma navalha; Capezi foi preso por ordem do subdelegado da Sé. Liderados por Mustafá Jubaile, prepararam um ataque aos católicos e se emboscaram no prédio 66 da Rui Barbosa. Vindo do cinema S. João, calmamente, o senhor Abraham Felix Crechete e seu cunhado Elias Bader, foram surpreendidos por Mustafá Jubaile, Mahomed Hassau Bogdadi, Bader Chaik, Osman Chaih, Taubouk, Ahmed Hassau Kasein, Aly Hubaibi e José Jubaile, que dispararam tiros da rua e das janelas do

mesmo prédio. O agredido faleceu imediatamente. Elias Bader arrebatou uma faca de ponta e feriu nas costas a Aly Hubaibi. Na mesma rua, nos fundos do Tesouro, o maometano Zamrini Abdelkader foi ferido a faca e bala, falecendo em seguida. Os feridos são aqueles já referidos.



O Largo do Pelourinho,
Praça José de Alencar.
Começo do Século XX.

Do álbum "O negro
brasileiro nas primeiras
décadas do século XX"
Fundação Biblioteca
Nacional



Dentro em pouco a polícia prendeu quase todos do grupo agressor, sendo preso também Elias Bader, que portava uma grande faca tinta de sangue. Doze árabes foram recolhidos à Casa de Correção. Para indagações, cercaram diversas casas na Sé e prenderam 25 árabes. Procura-se ainda Mustafá Isbella, apontado como principal responsável pelos assassinios do dia anterior. O senhor João Rafal, negociante há muito estabelecido no comércio, serve como intérprete nas diligências policiais. Abraham Crechete era casado havia um ano e deixou um filhinho; tinha estabelecimento à Praça José de Alencar.

Entre discordâncias sobre os fatos e divergências nas grafias dos topônimos e antropônimos, provenientes da transliteração da pronúncia árabe, a reprodução constante do episódio atesta a relevância da presença árabe em Salvador.

Tanto a colônia católica como a maometana constituíram advogados para acompanhar o processo. Os maometanos o fizeram na casa do sr. Jacob Grunfeld. Todos os detidos na Casa de Correção foram soltos, com exceção de Aly Hubaibi, indigitado autor do assassinio de Abraão Crachete, o qual ainda se encontrava no Hospital Santa Isabel. Disse ter sido agredido por Abraão e seu cunhado Elias Bader, que o apunhalou pelas costas. As diligências indicavam Mustafá Isbelle como o principal responsável pelos conflitos. Isbelle se apresentara à polícia e foi detido. Ele já se apresentou e se encontra detido no posto da Sé, juntamente com Mamede Sena que, na noite dos ataques, lhe deu fuga. O enterro da outra vítima, Mamede Jamil Gendya, foi feito às expensas do Estado, saindo o féretro do hospital Nina Rodrigues para o Campo Santo.

Porém o fato mais importante é uma carta aberta à imprensa assinada pelos “sírios católicos” e dirigida “Às altas autoridades do Estado”. Publicada nesse dia 10 de dezembro no Diário de Notícias, designa os muçulmanos como bandidos e selvagens, clamando sem evasivas pela sua deportação. Transcrevo-a a seguir, numa grafia atualizada:

Os sírios católicos domiciliados nesta capital, onde têm interesses respeitáveis, possuídos atualmente de verdadeira angústia ante a gravidade de fatos recentes que, além de enlutarem o lar de alguns, positivaram a séria ameaça contra a segurança individual de todos, são obrigados a vir à imprensa apela para as altas autoridades civis e eclesiásticas do Estado, pedindo-lhes um gesto de proteção e amparo para o rudimentar direito à vida de cada qual deles, ameaçados de perdê-la pelos selvagens muçulmanos, também aqui residentes.

Sabem todos que, de há muitos anos, desde que aportaram a estas plagas as hordas muçulmanas, constantes lutas, perturbando a ordem pública, têm eles promovido, em perseguição aos seus conterrâneos cristãos, aqui residentes.

Ousam assim tais bandidos reproduzir, neste belo país, as cenas de barbarismo praticadas por eles contra os cristãos, na pátria comum, persuadidos, talvez, que este país conseguirão a mesma criminosa proteção oficial, que desgraçadamente desfrutam no país de origem.

Realmente, não há quem ignore as perseguições atrozes sofridas pelos cristãos na Turquia.

Os seus haveres são confiscados, os seus lares saqueados, os seus filhos e parentes impunemente assassinados.

Obrigados por isso a emigrar da mãe-pátria, nós, os sírios católicos, aqui residentes, procuramos de preferência o Brasil e o Estado da Bahia, confiados na constância do seu clima, no intenso sentimento católico de sua população, no regime tolerante e liberal de suas leis.

Oprimidos pelas saudades da pátria e dos parentes, aqui os sírios católicos se refugiaram na esperança confortadora do respeito aos seus direitos.

E, apesar de pequenos e frequentes conflitos ocorridos entre conterrâneos de seitas e religiões diferentes, os casos não tomavam grande vulto graças à pronta intervenção das autoridades nacionais.

Ultimamente, porém, tendo a Turquia sido levada pelo seu mau governo a tomar parte no conflito europeu, recrudesceram as selvagerias cometidas além pelos maometanos contra os cristãos.

As notícias das selvagerias cometidas além e que nos chegam por cartas particulares são indescritíveis e horrorosas.

,Agora mesmo a Itália, impulsionada pelo nobre sentimento cristão, acaba de remeter tropas para garantia de populações católicas perseguidas pela intolerância religiosa dos bandidos maometanos.

Pois bem, os sectários desta seita, aqui residentes, entenderam de imitar os seus chefes de além-mar.

Em constantes reuniões que celebraram nesta capital, resolveram atacar e matar os seus conterrâneos cristãos.

Apesar dos frequentes avisos que nós tivemos, nunca acreditamos que os nossos adversários de fé ousassem praticar crimes, sabendo que não ficariam impunes.

Desgraçadamente estávamos iludidos – O nosso bom e saudoso amigo e conterrâneo, Abrahão Crachette, desejoso de fazer cessar rivalidades e de estabelecer a harmonia na colônia, ousou entender-se em boas maneiras com os chefes daqueles bandidos, no covil destes, e aí fria e covardemente cai por terra, assassinado com vários tiros de revólver e muitas punhaladas!!!

Semelhante crime está provocando severa repressão menos em reparação à inconsolável viuvez e desoladora orfandade de seres infelizes, do que em desafronta à civilização brasileira, vilipendiada por bandidos que bem merecem ser deportados do território da República.

Enquanto isso não se der, os sírios católicos, em face do precedente, não se sentirão suficientemente garantidos em sua segurança individual.

É por isso que ousam da imprensa lançar, transidos de dor e de angústia, um apelo solene às altas autoridades do Estado, ao venerando sr. Arcebispo desta arquidiocese e finalmente aos puros e respeitáveis sentimentos cristãos do hospitaleiro e generoso povo baiano para que num movimento de solidariedade cristã, todos concorram para que os sírios católicos aqui residentes possam tranquilamente repousar neste solo abençoado e gozar das garantias individuais que a constituição e leis brasileiras asseguram a nacionais e estrangeiros.

Os sírios católicos.

Sob a manchete “Por lá como por cá”, *A Notícia* informa que também no Rio de Janeiro os turcos residentes têm se agitado por questões religiosas, porém, ali, quem se dirigiu à polícia em comissão solicitando garantias foram os maometanos, queixando-se de estarem ameaçados pelos católicos. A polícia enviou patrulhas dobradas para as ruas onde eles residem, a fim de evitar um encontro entre os dois grupos. Alguns entrevistados declararam que a divergência entre os patrícios é motivada pelas mesmas causas que deram lugar aos conflitos na Bahia; além da religião, as diversas simpatias pelas nações europeias em guerra, com os cristãos apoiando a França e, os maometanos, a Alemanha.

No sábado, dia 12 de dezembro, o editorial do *Diário de Notícias* invoca o respeito aos baianos, que são “em sua quase totalidade católicos”, advertindo do perigo que consiste as ofensas dos árabes maometanos contra os árabes cristãos, as quais ameaçam se voltar contra os próprios habitantes da terra. Pela sua veemência, merece ser transcrito (também em grafia atualizada):

Distúrbios entre árabes Respeitai a terra!

Por várias vezes tem a imprensa registrado cenas de pugilatos e mortes entre os árabes aqui residentes, por causas e motivos diversos: abusos de confiança comercial, cenas de famílias, exaltação alcoólica.

Agora, porém, esses fatos agravaram-se, tomando caráter mais sério, e de causa conhecida e propósito declarado.

Não são mais fatos isolados, comuns, entre gente sem o cultivo da educação moral e cívica, bastante para refrear as paixões de momento.

Não.

Agora o caso é outro.

Na colônia árabe que aqui se instalou, que aqui vive, ou vendendo amendoins ou de caixa e metro a matracar pelas ruas, desenvolveu-se o instinto do ódio sopitado, o fanatismo da crença religiosa, que divide a raça árabe.

Serviu de pretexto à explosão dos ódios e vinganças refreadas a entrada da Turquia na guerra, em que estão empenhadas as grandes potências da Europa; e, dividida essa raça em duas correntes opostas, cada qual se declarou afeiçoada por uma ou outra das nações combatentes na guerra.

Os católicos são pela França e potências aliadas; os maometanos são pela Alemanha.

Como em tais situações dos povos tudo serve de pretexto à explosão dos ódios, essa manifestação de simpatia, por este ou aquele lado, tem servido para motivar os fatos tristes, deponentes para o século, bárbaros e desumanos dos quais nos dão notícias os despachos telegráficos; o morticínio, as atrocidades cometidas pelos árabes maometanos contra os árabes católicos que, sem apoio no governo, de seu país, ali vivem como párias, massacrados, espoliados, sem direitos e sem garantias.

Pois bem: isso que lá pela Turquia se pratica, malquistando-a aos olhos dos povos cultos, dominados de sentimentos de humanidade, querem os senhores árabes maometanos aqui fazer, transformando as ruas da capital da Bahia em teatro dessas cenas que envilecem esse povo.

A Bahia, que se tem sabido manter neutra nessa luta em que os interesses, desta ou daquela ordem, arrastaram as grandes nações amigas a se empenharem em tão sangrenta guerra; a Bahia, que abriga, com o tradicional e jamais desmentido espírito de hospitalidade brasileira, os filhos das nações beligerantes, respeitando os seus sentimentos de amor pátrio, não pode e não deve consentir que, sob o céu desta terra, se pratiquem atos de selvageria, os quais nem mesmo lá no teatro da luta são permitidos, honestamente.

Entre os membros dessa fração da colônia de árabes maometanos há de haver, necessariamente, algum espírito superior e refletido, que, ajuizando do alcance moral desses atos praticados contra irmãos, ainda que divergentes nas crenças e nos sentimentos afetivos, mas que estão abrigados e protegidos pela nossa hospitalidade e sob o nosso céu, aconselhe aos exaltados, ou desvairados pelo fanatismo da crença religiosa, a mudar de rumo pelo respeito devido à terra, e às crenças mesmo do povo em cujo seio eles vivem.

E devem fazê-la [sic].

Sim. As ofensas feitas aqui aos membros da colônia síria, por motivos das suas crenças católicas, ou afeição por este ou aquele país, ofendem também ao povo baiano, que as adota e pratica e que não pode tolerar esses atos de brutal selvageria, calmo e indiferente; porque amanhã esse ódio poderá voltar-se contra os baianos, que são em sua quase totalidade católicos, e entre os quais também se encontram afeiçoados às nações aliadas, como também os há afeiçoados à Alemanha.

O respeito e a tolerância dos sentimentos íntimos de cada qual são problemas de importância transcendental na ordem e harmonia social.

Pois bem, se o povo baiano tem observado o grande princípio, de tolerância de crenças religiosas ou políticas; se a nossa Constituição preceitua a garantia a todas as crenças religiosas, como se permitir que, nos seus domínios, um grupo desorientado, que aqui veio abrigar-se em busca de ocupação à sua atividade (ainda que esta não seja aliás bem aplicada), e melhoria para as suas condições individuais, queira impor as suas crenças, o seu sentir a outro grupo irmão, mas que pensa diversamente; e quando, pelas leis e pelos sentimentos, a própria terra que os abriga não pratica atos de intolerância nem faz imposição de suas crenças e afeições políticas

E se esses perturbadores da ordem e do sossego público não sabem os seus deveres de respeito à sociedade em que vivem, aos Poderes Públicos do Estado, e principalmente à polícia, dentro da lei e da Constituição, cabe o ensinar-lhes se manterem obedientes às normas prescritas aos cidadãos do país

É preciso que não mais se reproduzam as cenas dessa luta fratricida, esses conflitos entre árabes irmãos.

Respeitai a terra!

A última notícia que encontramos acerca do assassinato de Abraão Crachette é aquela fornecida pelo Diário de notícias em 29 de janeiro de 1915, a qual informa que foi pronunciado pelo assassinato do sírio negociante Abrahão Crachette o árabe Ali Huboile, sendo despronunciado o árabe de nome Abdel Kader Faiara, anteriormente denunciado como co-participante do crime.

De todo o exposto podemos concluir que conflitos entre árabes muçulmanos (na maior parte, mascates) e árabes cristãos (em grande parte, libaneses, comerciantes estabelecidos) não foram incomuns no início do século XX na cidade de Salvador. Esses conflitos se acirraram com a entrada da Turquia na Primeira Grande Guerra ao lado da Alemanha, de quem a França e a Inglaterra eram adversárias. Embora o Brasil só viesse a tomar o partido da Tríplice Entente em 1917, era evidente desde o início da guerra a simpatia pelos “cristãos” e a animosidade contra os “turcos” do Império Otomano. Abundam nos jornais da época relatos de martírios de cristãos e de violenta modificação de igrejas (católicas, ortodoxas e protestantes) em mesquitas, por parte dos turcos otomanos.

O assassinato de um árabe cristão e um muçulmano foi um momento crítico desses conflitos na Bahia. Por que esses indivíduos, especificamente, não é muito claro. Por que Abraão se dirigiu a uma rua em que sabia habitarem muçulmanos? Por que foi atacado? E Mamede Jendié? E qual a razão de todos deixarem recair toda a culpa em Aly Hubaibi? Os depoimentos e testemunhos dão a entender que o ataque a Abraão Crachette foi fortuito, como o de um bode expiatório de toda a comunidade cristã ameaçada pelos maometanos (“os Mahometanos atacam os Christãos sem motivos que justifiquem”); o muçulmano, por sua vez, teria sido morto no tiroteio e confusão que então se seguiu. É duvidoso que assim tenha sido. A morte de ambos se dá por meio de muitas facadas e, embora os noticiários destacarem a presença de muitos tiros, as autópsias demonstraram que apenas uma bala atingiu Mamede Jendié na perna e, duas, o empregado de Mustafá Isabelle; nenhuma delas foi causa de qualquer das mortes. Mustafá Isabelle, que num primeiro momento é apontado como conhecido criminoso e responsável pela morte de Abraão, depois de se apresentar na delegacia e acusar Aly Hubaibi pelo feito, não só é inocentado pelas testemunhas como é dito até que tentou salvar o cristão. Elias Bader, a princípio acusado do assassinato de Mamede Jendié, tanto por maometanos como por um capitão da polícia, é em seguida inocentado; o capitão inclusive retira suas anteriores afirmações e, num segundo momento, deixa de comparecer à convocação. Aparentemente, houve pressa em se concluírem os inquéritos: apesar do grande número de depoentes e

da dificuldade de se encontrar intérpretes isentos, duraram apenas uma semana. A conclusão dos autos foi que Ali Hubaibi assassinou Abraão Crachette a facadas, sem apontar responsável pela morte do muçulmano Mamede Jendié, exceto para inocentar Elias Bader, irmão da viúva. Conforme os autos, ainda em setembro de 1917, a viúva Adma Bader Crachette apelava (sem sucesso) ao Tribunal de Justiça, inconformada com a absolvição de Aly Hubaibi. Já o inquérito da polícia concluiu que Abraão Crachette foi morto por Mamede Jendié, assassinado por sua vez, em represália, com um tiro, por Elias Bader. Em nenhum momento antes se dissera que Elias Bader portava um revólver. Nada nos noticiários fazia prever tais conclusões...

Em 29 de dezembro de 1914, o *Jornal de Notícias* trouxe uma larga matéria intitulada “A civilização é descendente do cristianismo”, na qual advertia que o Sultão da Turquia lançara um decreto convocando todos os muçulmanos à Guerra Santa, a *jihad*, não só em seu país, mas em todo o mundo. O episódio da morte do sírio cristão na Bahia, embora tivesse a aparência de um conflito familiar, se inscrevia nessa guerra. Os sírios vinham ao Brasil fugidos das barbaridades que os muçulmanos faziam “lá”, mas os dessa seita que vinham para cá, tendo recebido a ordem da *jihad*, os perseguiram e matavam, com o beneplácito do clero: “Sabeis quem são os inimigos dos vossos antepassados? pois são estes *musulmanos!!!*” (grifo do original). Advertia ainda que o comércio de fazendas era uma fachada, pois seu principal ofício era pôr a perder belas donzelas e, a algumas, traficar como presente para o seu Sultão. Hoje, nos escandalizaria um discurso que incitava tamanho ódio a um grupo religioso, porém também nos dá a dimensão do quanto estavam enraizados na sociedade baiana do início do século XX o medo e a discriminação contra os adeptos do islamismo – talvez, quem sabe, desde a Revolta dos Malês, talvez mesmo desde a colonização.



Nota da Autora:

Por ocasião da morte de Abraão Kraychette, em dezembro de 1914, sua viúva, d. Adma Bader Kraychette era mãe de um filho pequeno, Emílio, e estava grávida de uma menina, a que chamou Hortência Kraychette, nascida em janeiro do ano seguinte. Tendo enviuvado, quatro anos mais tarde casou-se com um moço mais jovem do que ela de nome Gabriel Muhana, sírio-libanês maronita, de quem teve muitos descendentes. O mais velho deles, Humberto Muhana, veio a ser meu pai. Tudo que soube de minha avó foi que falecera em 1954 sem nunca ter aprendido português, que morrera de enfisema por muito fumar e que amava seu segundo marido. Talvez como explicação para o desafeto de meu avô para com ela e seu irmão, filhos do primeiro casamento, tia Hortência insinuava que o avô Gabriel não tinha posses e que conquistara a afeição de sua mãe visando um casamento proveitoso com a herança deixada por seu pai biológico. Nas entrelinhas, pairava uma suspeita de que nosso avô estivesse de alguma maneira envolvido na morte violenta do sr. Kraychette. Dispus-me a esclarecer essa história familiar e, ao inocentar o avô Gabriel da suspeição, acabei encontrando uma página sangrenta da comunidade árabe na Bahia, no despontar da Primeira Guerra Mundial.

A evolução e a decadencia do commercio avulso

Quem hoje sustenta o mascate

Tac-tac, tac-tac, tac-tac...

E a musica do metro dobradiço, arfante sob o peso da caixa que lhe é cadeira, escriptorio e mesa de refeições, vae o *paria* dos negociantes, ahasverus que merca-deja, sem pouso nem balcão certas ás topadas na calçada e em cada porta gritando: "Me quere. hoje, senhóra"?

Antigamente, era a tradicional *preta da caixinha* a vender bicos e rendas que foram a delicia de nossas avós e a causa, quem sabe? de estarmos no mundo.



A' *preta* succedeu o italiano, as mais das vezes com a montra ambulante sobre a cabeça de negros carregadores e a venderem, em pontos certos, chitas, brins, cassas *crepon*, rendas e alfinetes, tudo ao annuncio barulhento de um *tac-tac* nervoso, certo rythmado, em musica muito conhecida de que o *freguez* ahi vinha.

E' á alcunha de *mascate*, elles



eram avidamente esperados á janella pela anciedade de pobres e ricos, operarios e burocratas, que, alli, na porta compravam o necessario para se apresentarem decentes, e quantas vezes *chics*?, em meio da sociedade.

Depois, o *mascate* genuino, o



turco, o árabe, o syrio, a perambularem pelas ruas, de caixas a tiracollo, nus; na cabeça, outros; nos hombros e em embrulhos sobbraçados, invadiu a cidade e os suburbios, sendo constante, em dias certos, cada qual em uma rua.

„Mamãe! é vem o *mascate*“, gritava de cada porta creança ou moçoila, e o estrangeiro sorridente, gentil em sua algaravia de quem se esforça por ser entendido, descançava no *batente* o fardo de bugigangas.

O fisco, açuiado pelo commercio fixo, atrapalhou a vontade, com impostos pesadissimos, esses desgraçados pedintes de freguezia, fazendo-os, hoje, escassos e mais prudentes na venda a *fiado*...

Todo o negocio faziam, a 1\$, 2\$, 3\$, 4\$, 5\$, 10\$, e 20\$ mensaes, sem fiança nem conhecimento, comtanto que lhes comprassem, os *mascates*!

E era encantadora a curiosidade alegre da freguezia a bisbilhotar nos sujos cadernos de nomes, escripturas enviezadas dos turcos, começando da direita para a esquerda, á *canhota* como lhe dizem os freguezes.

---Uli, uli! não quere nada hoje, "cantavam com a bocca cheia de lingua os andarilhos commerciantes...

Hoje, os poucos que ainda existem, ahi estão desconfiados e medrosos, mas sempre tendo nos labios um sorriso para os compradores e a mesma cantilena de vender mais barato do que no *commercio*...

Fazem feira, agora, surpreendendo todos os sabbados, com frascos de *corylopsys* e blusas feitas, a ingenuidade de gosto femil das operarias de Plataforma, da Conceição, da Luiz Tarquinio e de tantas outras colmeias, raparigas que despejam nos bolsos sujos dos *mascates* os vintens magros da *féria*.

E a instituição dos *mascate* ainda não desapareceu, porque em seu favor militam milhares e milhares de pobres...

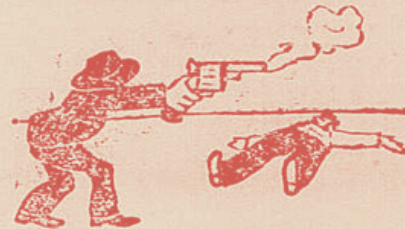
ENTRE ARABES

As diligencias da policia ficaram terminadas

O que se apurou do conflicto

O enterro de um mahometano

Um "habeas-corpus"



Terminaram na subdelegacia da Sé as diligencias procedidas sobre o conflicto occorrido no domingo passado na rua Ruy Barboza entre arabes mahometanos e catholicos.

O dr. Madureira de Pinho e o solicitador Isaac Jorge Franco, como advogados da viuva do catholico Abraham Fares Craihate acompanhou as diligencias, requerendo no final certidão das peças dos autos.

Foram ouvidos em auto de perguntas os arabes Mustafa Jubaile, Elias Bachen, e Aly Hubaibi, servindo de interprete, nomeado e juramentado pela autoridade policial o negociante Salim Salomão, que não pertence a nenhuma das seitas dos que tomaram parte no conflicto.

No laquerito depuzeram 7 testemunhas que são: Salvador Ferreira da Silva, João Gergas Rafful, Ahmad Assen Kassim, Abdalla Zein, estes dois ultimos arabes mahometanos e aquelle catholico, e os srs. Euclides Moura dos Santos, Pedro Ferreira Daltro e o capitão do exercito Francisco José Patricio, deputado estadual.

Está apurado que foram autores do conflicto Aly Hubaibi, Mamede Hassen Begdadi, Abd Daruch Tiara, Kemel Darjub e Ahmad Abu-El-Nazer.

Quanto á morte do mahometano Mamedio Jendie as testemunhas se referem a um arabe gordo, alto, com um ferimento na cabeça, que não é outro senão Elias Bader, sendo encontrada a faca que dizem ter eile atirado á rua.

Essa arma está no Instituto Nina Rodrigues, para exame, que será enviado ao promotor publico, independente das diligencias que o subdelegado remetterá na segunda-feira proxima.

O mahometano Mamedio Jendie foi sepultado hontem á tarde, pelos seus patricios, sendo o enterro pouco concorrido. O corpo sahio do Nina Rodrigues, ás 16 horas, acompanhado por uma força de cavallaria e outra de infantaria.

Essa medida foi tomada por constar que pretendiam promover disturbios por essa occasião.

O sr. major Cosme de Farias, advogado do mahometano Aly Hubaibi, requereu ao juiz da 1.ª circumscripção criminal uma ordem de *habeas-corpus*, em favor do seu constituinte.

O juiz concedeu a ordem para informações da autoridade policial, que hontem mesmo as enviou áquelle magistrado.

Os autos do processo são volumosos e alem dos depoimentos já alludidos, delles constam 3 autos de corpo de delicto e 2 autos de necropsias, de 18 folhas de papel, cada um.

Feram peritos os Drs. Octaviano Pimenta, Alvaro Pontes Bahia e Alvaro Borges dos Reis.

Cobrança original

Um arabe foi cobrar dinheiro e não achando esbofeteou a fregueza

Na rua Silva Jardim ante-hontem o arabe Mamede Nasse foi effectuar a cobrança de Maria Pas-tôra.

Como esta não tivesse dinheiro, o *mascate* ficou damnado e esbofeteou-a.

O subdelegado da rua do Paço a quem foi apresentado o espancador pelo civil n. 39, lavrou auto de flagrante delicto.



Limoni



Habda



Assad

Um arabe "calceteiro"

Trabalhador mais "caipora"

Salomão Ismai, é um arabe, mas um d'aquelles que precisa-se n'esta terra, rompendo a linha dos seus patricios que só procuram trabalhos leves, não fallando nos vendedores de *mandobi* torrado e dos tiros ao alvo, verdadeiros *tiros de algibeiras*, entregou-se ao afanoso trabalho de calceteiro. Porem pela falta de pratica, aconteceu que o instrumento com que trabalhava lhe batesse no pé, produzindo esmagamento no grosso artelho esquerdo com arrancamento da unha. No Hospital, recebeu curativos.

Um rôlo em Plataforma

Questões antigas determinaram o facto de ante-hontem

Em Plataforma, no domingo, ás 10 horas, houve um conflicto entre o arabe José Paulo, a mulher deste e Carlos Leite, sahindo todos feridos, inclusive dois policiaes.

A auctoridade local tomou conhecimento do facto que tem como movel questões antigas.



ADIB AL CHICHAKLI:

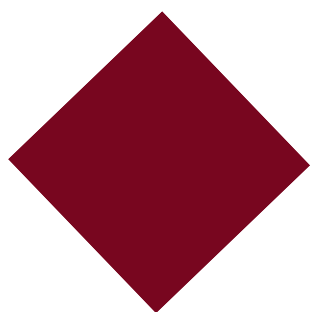
A LONGA SOMBRA DE UM DITADOR, DA SÍRIA AO BRASIL

Gustavo Racy

Embora a campanha “As-Suwayda é nossa e faz parte de nós” venha à tona de tempos em tempos, como pano de fundo de alguma notícia, a própria campanha já parece um vestígio de um passado remoto, apesar de ter ocorrido apenas em outubro passado. Talvez isso indique o alcance limitado de seu impacto na tentativa de construir a ponte sobre a lacuna que, em primeiro lugar, se propunha a preencher - ao menos segundo a narrativa oficial -, ou sirva ainda como indício do ciclo de vida das notícias sírias e da relativa brevidade de seus vocabulários. Ainda assim, a campanha registrou, no momento de seu lançamento, o que pode ser considerado uma ruptura digna de nota no campo da memória: Adib Al Chichakli, neto do ex-presidente sírio que leva o mesmo nome, doou 10 mil dólares americanos à campanha, afirmando que seu avô, se estivesse entre nós hoje, teria feito o mesmo.

Uma alegação assim, evidentemente, não passaria incólume. O nome Al Chichakli está ligado a As-Suwayda por razões que certamente não incluem doações desse tipo; até pouco tempo, ele permanecia objeto de interesse estritamente histórico - e de uma forma muito diferente daquela que o neto tentou apresentar durante a campanha. Qualquer observador atento ao cenário sírio atual, porém, sabe que parte das escaramuças do presente não retira seu ímpeto apenas do passado, da história e de suas lições - como nos casos de Al Chichakli ou de outros -, mas atua simultaneamente para reescrevê-los.

De fato, a história de Al Chichakli, em particular, parece, por essas razões, merecedora de um exame atento: tanto por seus detalhes singulares, que o levaram ao poder em uma fase negligenciada da história da Síria, quanto por aqueles que delinearam seu lugar no mapa mais amplo das políticas da diáspora e culminaram em seu assassinato no Brasil. Isso, no entanto, não significou de forma alguma o fim de sua história no imaginário popular que - ainda que pareça tê-la superado - hoje se vê novamente diante dela de duas maneiras: uma, de carne e osso, em que Al Chichakli retorna à vida e As-Suwayda volta ao debate mais amplo; e outra, talvez de impacto maior, embora menos direta, em que o imigrante, ou o deslocado retorna para dizer sua palavra, mais uma vez, em um momento que soa familiar, no qual a Síria aparece como parte exaurida, cercada por diversas forças regionais e internacionais à procura de uma figura de “líder”.

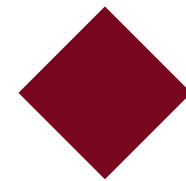


Adib bin Hassan Al Chichakli (Hama, 1909 - Ceres, 1964) foi presidente da Síria em dois momentos: brevemente em 1951 e, posteriormente, entre 1953 e 1954, quando renunciou após eventos de distúrbio social. Personalidade presente em momentos críticos do país, Al Chichakli formou-se como militar durante o período do Mandato Francês e, após a independência do país, tornou-se um dos primeiros membros do Partido Nacionalista Social Sírio, de Antoun Sa'adeh. Em 1948, foi membro do Exército Árabe de Libertação, que lutou contra milícias sionistas durante a fundação da Entidade Sionista na Palestina. Em 1964, Shishakli seria morto no pequeno município de Ceres, no estado brasileiro de Goiás, por um patrício druso. Que vínculos se constroem nesta trajetória? Como a diáspora aparece como parte integrante do Levante, mesmo quando relegada a um detalhe menor - o destino fatídico de um ditador de uma república ignorada pela população global, ainda que desejada pelas grandes potências? E o que isto diz sobre nós, árabes e árabe-diaspóricos, no momento presente?

A Síria pós-independência

A derrota dos árabes diante dos sionistas enfraqueceu ainda mais o frágil sistema parlamentar sírio, levando à deposição do então presidente Chukri Al Quwatli por meio de um golpe encabeçado por Husni Al Za'im, que seria deposto quase imediatamente, deixando o país sob uma junta liderada por ninguém menos que o próprio Al Chichakli e o coronel Sami Al Hinnawi, ex-camarada de Al Za'im.

Segundo John McHugo (2015), um dos aspectos pouco explorados da história do golpe de 1949 é o papel da Embaixada Americana em Damasco e da CIA, descontentes com o governo anterior de Chukri Al Quwatli, que não havia chegado a um armistício com os sionistas e impedia a construção de um oleoduto para transporte de petróleo da Arábia Saudita através da Síria. A CIA relatava a necessidade de levar ao poder um oficial disposto a tomar decisões impopulares, como a paz com Israel: Husni Al Za'im. O oficial combinara com os estadunidenses um plano de quatro etapas para tomar o poder e aproximar a Síria dos EUA: primeiro, instalaria uma figura representativa no poder, exercendo ele mesmo o poder de fato como ministro da defesa. Depois, os EUA forneceriam auxílio à Síria, o que ajudaria a legitimar o golpe. A terceira etapa seria o fornecimento de material bélico à Síria. Por fim, o governo reformaria o país e expandiria as forças armadas, seguindo o modelo da Turquia de Atatürk.



O relatório de Miles Copeland, oficial da CIA em Damasco, afirmava que Al Za'im era totalmente inescrupuloso e desejava se tornar ditador, ainda que do tipo de uma "república das bananas". Al Za'im promoveu-se a marechal e enfeitou-se com um uniforme e maquiagem que custaram US\$ 3.000, forçando medidas impopulares no país, declarando desejo de armistício com Israel e entregando comunistas do exército. Seu golpe marcou o início de uma nova era na política síria - e é este período que define a história de Al Chichakli.

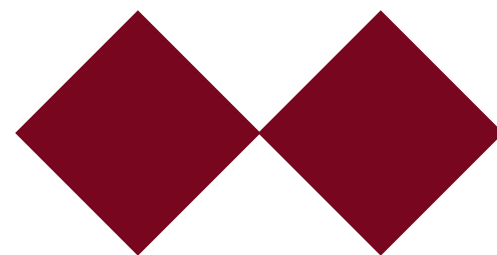
Menos de quatro meses após o golpe, Al Za'im foi preso em sua casa, de pijamas, em plena manhã. Espancado, foi morto por oficiais que haviam aderido ao seu golpe, mas que buscavam vingança pela execução de Antoun Saadeh pelas autoridades libanesas, a quem Al Za'im havia pessoalmente entregado. Sami Al Hinnawi, liderando a junta, organizou eleições para uma assembleia constituinte, mas foi também deposto em 19 de dezembro por outro oficial: Adib Al Chichakli, que governaria por quatro anos, até fevereiro de 1954 - não sem antes derrubar um governo provisório de 12 horas liderado por Ma'ruf Al Dawalibi.

Novamente segundo John McHugo (2015), na maior parte do tempo Al Chichakli manteve perfil discreto, governando através de um presidente nomeado, seguro de que não poderia ser desafiado pelos políticos - governando, portanto, inicialmente de forma indireta. Mas foi Al Chichakli quem deu aos sírios o primeiro gosto de um governo militar. Inicialmente popular, expandiu o exército para 43 mil homens, visando não só a defesa externa mas a prevenção de rebeliões internas, estabelecendo assim o poder policial do exército sírio na tentativa de unificar o país suprimindo qualquer sentimento regional ou sectário. Al Chichakli estendeu o controle sobre escolas estrangeiras, desencorajou associações baseadas em etnia ou seita, proibiu a compra de terras por estrangeiros e recusou ajuda dos EUA.

Diferentemente de Hinnawi, Al Chichakli rejeitava a ideia de união da Síria com o Iraque - uma noção pan-árabe então em voga, defendida na Síria pelo Partido Popular, apoiado pela rica classe mercantil de Aleppo. Al Chichakli promoveu o golpe em parte para impedir que isso acontecesse. Mas a ideia também era rejeitada por outras figuras importantes: o ex-ministro da Educação Michel Aflaq e o ex-ministro da agricultura Akram Al Hawrani. Aflaq e Al Hawrani tornaram-se os ideólogos e fundadores do novo Partido Socialista Árabe Ba'ath, atraindo intelectuais e estudantes de origem rural para suas fileiras, além da base rural consolidada por Al Hawrani em Hama - cidade natal tanto dele quanto de Al Chichakli.

De qualquer forma, em 1952 Al Chichakli transformou a Síria em um Estado de partido único. Secretamente apoiados pelo Iraque, greves e protestos eclodiram contra o governante, começando em Aleppo e rapidamente se espalhando por Homs, Hama e Damasco. Quando o movimento chegou a Sweida, no Haurã, Al Chichakli temeu um levante druso como o de trinta anos antes, em 1925. O governante enviou então tropas de artilharia que bombardearam a cidade, promovendo um massacre. Rapidamente, uma revolta militar começou em Aleppo, tomando o país e desencadeando um processo conspiratório que derrubaria Al Chichakli, que finalmente renunciou em 1954, fugindo para Beirute e depois para o Brasil.

Após sua queda, o poder parlamentar foi restaurado na Síria e o Ba'ath tornou-se uma força poderosa durante o período democrático do país, que duraria até a união da Síria com o Egito de Nasser em 1958. O que aconteceu depois, porém, não é objeto desta breve reflexão.



Husni Al Za'im, na capa da revista do Exército Sírio no dia do golpe: “Mil e Uma Noites, em Damasco há um líder!”

Al Chichakli: de golpista a refugiado

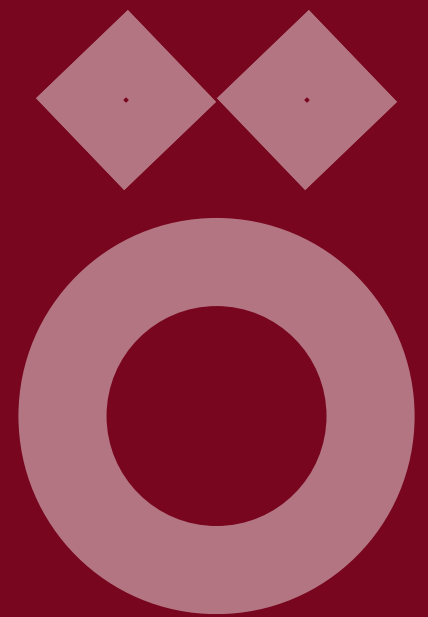
Em memorando do vice-secretário de Estado para Assuntos do Oriente Próximo, Sul da Ásia e África, George Allen, ao secretário de Estado dos EUA, John Foster Dulles, datado de 27 de junho de 1957, discute-se a possibilidade do retorno de Chichakli à Síria em novo golpe. Al Chichakli teria fugido da Síria para o Líbano e, de lá, para a Arábia Saudita, passando também pela França, Espanha, Itália, Egito e Turquia, antes de retornar incógnito ao Levante durante as eleições presidenciais de agosto de 1955. O memorando questiona se, em 1956, seu retorno à Arábia Saudita sinalizava uma potencial ascensão ao comando das forças armadas do país ou a uma eventual força unida entre Egito, Síria e Arábia Saudita. Afinal, Al Chichakli viajara com passaporte saudita e teria recebido subsídios do rei Saud.

O documento também deixa claro que Al Chichakli era ferrenho opositor do comunismo e de Israel, e acreditava que os gastos com desenvolvimento nacional eram sublimados pelas despesas de defesa nessas duas frentes. Porém, sua derrocada diante do aparelho estatal e da população síria o tornava um candidato fraco a um golpe bem-sucedido, aos olhos dos EUA - que ainda por cima denunciavam, no memorando, seu "alcoholismo inveterado", considerando-o claramente um tipo de líder indesejado para a Síria. Ainda assim, sugeria-se observar os desenvolvimentos no país e manter Al Chichakli no radar, pois, sob as condições adequadas - nomeadamente, sua disposição em alinhar-se aos interesses estadunidenses -, o ex-ditador poderia voltar a ser uma boa opção. O memorando conclui afirmando que um relatório verbal seria também fornecido ao secretário de Estado

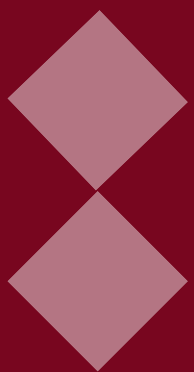
O documento nos alerta para um período geralmente esquecido da história síria, especialmente do ponto de vista das análises dos chamados internacionalistas, particularmente no Brasil. Desde a fuga de Bachar Al Assad, em dezembro de 2024, as análises têm girado em torno do panorama sírio dos últimos 50 anos e das previsões para o atual regime liderado por Abu Muhammad Al Julani, liderança do HTS e ex-braço do DAESH na região, que assume como presidente interino sob suposto nome real e imagem higienizada por ternos ocidentais.

No entanto, o memorando estadunidense parece nos oferecer uma lição sobre a situação política do Oriente Médio. Muito poderia ser dito sobre isso, começando pela observação de como as maquinações políticas se constroem sob o pano de fundo das grandes potências, sempre vigilantes e prontas a manipular a aclamação pública, e serviços de inteligência que mapeiam os passos de pessoas de interesse.

Assim como Al Chichakli poderia voltar a ser uma "boa opção", Al Julani transformou-se em alternativa igualmente viável para conduzir o país - e não há dúvidas de que, nessa transformação, a Turquia, a Entidade Sionista, a Arábia Saudita e os EUA tiveram papel ativo, dividindo a Síria em zonas de influência após a fuga de Assad e, conseqüentemente, o recuo da interferência russa e iraniana.



Seja como for, a observação fica aqui como parênteses. Tratamos de Al Chichakli, não de Al Julani. Segundo documentário da Al Jazeera de 2022, não se sabe ao certo o motivo da queda de Al Chichakli. Diz-se que pode ter sido para conter as rebeliões que começaram em Jabal al-Druz ou que a manobra foi uma espécie de autogolpe destinado a facilitar seu retorno - possibilidade que o memorando estadunidense parece ecoar. O documentário também sugere que Al Chichakli pode ter renunciado para evitar mais banho de sangue, como teria dito Haidar Al Kuzbari, oficial que afirmara ser possível acabar com a insurgência drusa. A imagem de um homem avesso à carnificina, e sua veracidade, parecem secundárias.



Em depoimento à Al Jazeera, o filho de Al Chichakli afirmou que seu pai pode ter sido morto em conspiração baathista. Apesar de em algum momento ter apoiado Chichakli por seu nacionalismo, seu anticomunismo pode ter sido peça-chave para a retaliação. O neto de Chichakli concorda: seu avô fugira para evitar mais derramamento de sangue, e o regime que o sucedera apagara suas realizações. A missão atual, dizia ele antes mesmo da fuga de Assad em 2024, seria recontar a história no esforço de reconstrução do país.

O fato é simples: Al Chichakli, ex-presidente da Síria, oficial que vivenciou e protagonizou um momento crucial da Síria contemporânea, foi morto a tiros na pequena Ceres, interior de Goiás, em 27 de setembro de 1964.

Brasil-Síria

Ceres, que segundo o censo de 2021 tinha 22.407 habitantes (num país de 220 milhões), tornara-se município apenas onze anos antes da morte de Al Chichakli. Diz-se que ele vivia ali como comerciante, vendendo produtos de sua chácara. Foi ao atravessar uma ponte para a vizinha Rialma que encontrou Al Ghazali, que lhe disparou cinco tiros. O réu chegara à cidade três dias antes e esperara horas pelo ex-presidente, até mesmo interagindo com ele, segundo testemunhas (<https://www.tjgo.jus.br/index.php/agencia-de-noticias/noticias-ccs/17-tribunal/9543-processo-sobre-assassinato-de-ex-presidente-sirio-em-goias-vai-ser-exposto-no-centro-de-cultura-e-memoria>). Julgado por júri popular e defendido por Romeu Pires de Campos Barros e Nelson Hungria (futuro ministro do STF), Al Ghazali foi inocentado. Hoje, o processo está exposto no centro de memória do TJ-GO.

O que este crime diz sobre nossas realidades? Em meio à ditadura civil-militar recém-instalada pelo golpe de 1964, a comunidade síria se mantinha atenta aos acontecimentos em seu país - também marcado por golpes e ditaduras. Que redes de contato no Brasil tenham levado ao conhecimento do paradeiro de Chichakli revela a proximidade, entre o mahjar e a Síria (e o Líbano), ignorando-se dinâmicas e mecanismos de funcionamento não raro muito próximos.

Essa proximidade se expressa nos detalhes mais banais: teria sido uma entrevista de Al Chichakli à revista *O Cruzeiro*, em 1962, que chamou a atenção de Al Ghazali. No dia do crime, ele voltara à pensão onde se hospedava, tomara banho e assistira a um filme no cinema local. Só no dia seguinte fugira de Ceres, indo para Anápolis e forçando três amigos, sob ameaça de revólver, a levá-lo a Belo Horizonte, de onde seguiu para Teófilo Otoni, onde parentes arrecadaram 100 milhões de cruzeiros para sua defesa, celebrando seu feito. Al Ghazali entregou-se à polícia uma semana depois, sem mostrar remorso. Na investigação, quatro membros anônimos da comunidade drusa - dois em Belo Horizonte e dois em Brasília - afirmaram que o assassinato fora planejado pela comunidade drusa mineira.



Na época, o assassinato foi noticiado. Ceres, a 179 km de Goiânia, entrou para a história como o lugar onde um ex-presidente estrangeiro encontrou seu fim. Mas pouco se fala do episódio, e menos ainda sobre como as trajetórias dos dois países se cruzam em pontos significativos.

Nawaf Ghazali.
[Prefeitura de Ceres](#)

No Brasil, a crítica acadêmica ainda explorou pouco os acontecimentos políticos que marcaram o mahjar. É através do não-brasileiro Joseph Leidy (2023), da Brown University, que encontramos relato importante sobre o nacionalismo sírio no mahjar entre 1934 e 1944 - quando Antun Sa'adeh tentou estabelecer o Partido Social Nacionalista Sírio entre sírios e libaneses nas Américas.

Ao desembarcar em Buenos Aires em 1939, Sa'adeh e sua Associação Cultural Síria lançaram narrativa apelativa a jovens imigrantes, reafirmando a missão partidária. Encenando peça sobre um príncipe que salva seu país, a Associação foi confrontada pela rival Associação Patriótica Libanesa, que acusou o grupo de sabotagem. Segundo Leidy (2023: 80), a imprensa local, especialmente a revista *La Bandera Árabe*, apoiou o grupo libanês. A controvérsia exemplifica como problemas do Levante foram transplantados para o Brasil e vividos com a mesma intensidade que na terra natal, pois as mobilizações políticas da juventude imigrante no entreguerras legitimavam novos atores políticos não só no Brasil, mas no próprio Levante.

Sa'adeh já vivera em São Paulo nos anos 1920, trabalhando com o pai, editor, até fundar seu partido em Beirute em 1932, com base universitária. Radicou-se na Argentina após ser preso no Líbano e no Brasil, sob suspeita de simpatias pelo Eixo. Segundo Leidy (2023), sua atuação preocupava as comunidades diaspóricas, confirmando o papel do nascente populismo nas juventudes transnacionais. Seu sucesso não foi irrelevante: entre Brasil e Argentina, criou estruturas partidárias e publicações, incluindo diretório feminino em Buenos Aires e núcleos em Minas Gerais, além de visitar cidades como Tucumán e Córdoba, recebendo colaboradores até de Vila do Rio Novo, no Espírito Santo. Com sua futura esposa, Juliette Elmir (al-Mir), Sa'adeh denunciava o materialismo do mahjar e sua fragmentação em clubes e associações.

Nem todas as reações foram positivas. Publicações de norte a sul das Américas criticaram seu partido protofascista, mesmo entre nacionalistas, como na Argentina em 1944. No Brasil, o poeta Elias Farhat entusiasmou-se inicialmente com Sa'adeh, dedicando-lhe o poema "A Juventude da Síria". Como nota Leidy, porém, quando Farhat

desautorizou Sa'adeh em artigo de 1938 na revista *Al Sharq*, alegou ignorância sobre a verdadeira natureza do partido. Ainda assim, a revista de Sa'adeh, *al-Zawba'a*, republicaria o poema em 1941.

No país, seu principal crítico foi Rashid Salim Al Khouri, cuja palestra de 1940 homenageando o Profeta Muhammad foi atacada por Sa'adeh em seus periódicos por exaltar o Islã como híbrido ideal entre lei judaica e espiritualidade cristã. Sa'adeh atacaria também outros escritores do mahjar, como Elia Abu Madi e Abd Al Masih Haddad, de Nova Iorque, rejeitando a ideia de que laços culturais e linguísticos árabes bastassem como base para o nacionalismo sírio frente à "unidade geográfica e sociológica da Síria" (Leidy, 2023: 92).

A trajetória de Sa'adeh, segundo Leidy (2023), prenunciava o movimento que derrubaria a "política de notáveis" estudada por Albert Hourani - ele próprio diaspórico (seus pais, de Marjayoun, eram Fadlo Hourani, comerciante em Manchester, e Soumaya Racy, cujos irmãos se dividiram entre Brasil e EUA). Isso atesta os elos entre eventos no mahjar e desenvolvimentos na terra natal. Para Hourani e Philip Khoury, esses eventos fortaleceram ideologias modernas que contribuiriam para o fim da política tradicional baseada em notáveis.

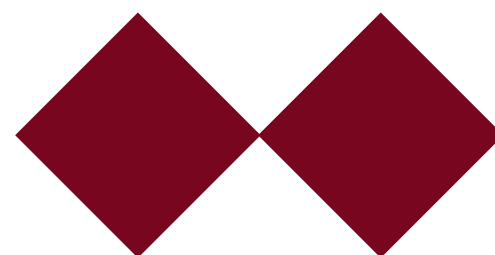
O caso de Sa'adeh, mais estudado, é alegórico para pensarmos Al Chichakli e seu fim no Brasil. Se hoje a herança árabe, especialmente em São Paulo, resume-se à atuação política e a uma pobre herança cultural culinária, geralmente focada em trajetórias pessoais, subjaz uma rede de conexões que, forjadas no mahjar, repercutem no Levante - assim como são reverberações de eventos lá ocorridos.

Cabe a historiadores, sociólogos e antropólogos desvendar as dinâmicas que consolidaram laços de sociabilidade árabe no Brasil, à luz da dupla existência política: parte integrante da sociedade brasileira e, simultaneamente, espectadores dos desdobramentos na terra natal. O transplante de conflitos sírios para o Brasil não é exclusivo dessa comunidade, mas assume contornos específicos, marcados pela exclusão da diáspora árabe brasileira da narrativa histórica do Levante.

A história de Al Chichakli, se melhor resgatada, poderia nos fornecer elementos para pensar tanto a política transnacional do mahjar quanto os eventos atuais na Síria, onde parece haver estranha repetição da figura de Chichakli nas narrativas sobre o novo governo sírio e a figura de Al Julani, "presidente transitório" de um território que, como na época de Al Chichakli, é dividido entre potências externas (Israel, Turquia, Arábia Saudita, Irã, Rússia e EUA), que arregimentam discursos nacionalistas em torno de um líder forte que, por ora, não cessou de promover horrores como os de Al Chichakli em Jabal Al Druze.

Apesar de sua absolvição por parte de sua família e de diversas testemunhas, a vida de Al Chichakli terminou pelas mãos de um compatriota, em um episódio cuja obscuridade persiste, especialmente no que diz respeito à possibilidade de ter sido financiado por seu próprio entorno. A morte de um ex-presidente em território brasileiro, mais precisamente na pequena localidade de Ceres, constitui um acontecimento de grande relevância, cujo impacto pode ter sido atenuado pelo fato de ter ocorrido nesse contexto geográfico distante.

Assim, a retomada desse episódio não se destina meramente à documentação, mas à necessidade de reinscrevê-lo em um quadro mais amplo de análise histórica — sobretudo no momento contemporâneo do mundo árabe, em que padrões de poder se reiteram e discursos nacionalistas são reformulados, enquanto conexões transnacionais permanecem como um fator oculto, ainda que por vezes decisivo, na configuração de seus desdobramentos.



Referências

LEIDY, J. (2023). "El Zaím: Youth, Authority, and Syrian Nationalism in the Mahjar, 1938-1944." *Mashriq & Mahjar*, 10(1), 79-106.

MCHUGO, J. (2015). *Syria: A Recent History*. New York: The New Press.

Departamento de Estado - EUA. Memorandum From the Assistant Secretary of State for Near Eastern, South Asian, and African Affairs (Allen) to the Secretary of State, Washington, 27 de junho de 1956. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1955-57v13/d329>>

Who was Syria's Adib al-Shishakli? Al Jazeera, 2022, 45'46". Disponível em: <[Who was Syria's Adib al Shishakli? | Al Jazeera World Documentary](#)>

"Processo sobre assassinato de ex-presidente sírio em Goiás vai ser exposto no Centro de Cultura e Memória". Tribunal de Justiça de Goiás, 30 de julho de 2019. Disponível em: <[Tribunal de Justiça de Goiás - Processo sobre assassinato de ex-presidente sírio em Goiás vai ser exposto no Centro de Cultura e Memória](#)> (acesso em 15/06/2025).



Ex-Presidente da Síria
assassinado numa
cidadezinha de Goiás

O ÓDIO NÃO ESQUECE

TEXTO DE OSWALDO AMORIM
FOTOS DE ROBERTO STUCKERT



Adib Chichakli morava em Ceres, pequena cidade do interior de Goiás. Até mesmo amigos bem chegados sabiam apenas que ele era um sírio, mas não tinham, considerando suas palestras, elementos seguros para saber que ele era, ou tinha sido, um político em sua terra e que a política o elevara à Presidência da República e o atirara depois ao exílio povoado de grande tranquilidade da cidadezinha de Ceres. Essas conversas não tinham muito interesse para o homem que, um dia, conversando com um repórter desta Revista, desejara tão-sómente que a Síria trilhasse o verdadeiro caminho do progresso e da paz e que não fosse derramada em seu solo "uma só gota de sangue árabe". O sangue de Adib Chichakli caiu sobre o chão de Ceres (Estado de Goiás), por causa da política síria.

Capa da Revista *O Cruzeiro* quando da morte de Al Chichakli, em 1964.



Avistamento de Rialma. Na imagem, a ponte de madeira e tambor construída na década de 40. Créditos: Cícero Leão Júnior



Partidários carregam o caixão de Al Chicakli. Créditos: [Correio Brasiliense](#)



A CABEÇA QUE ACENA (SIM-NÃO): O CONFLITO ENTRE GOVERNANTE E GOVERNADO.

Mwaffaq Al Hajjar

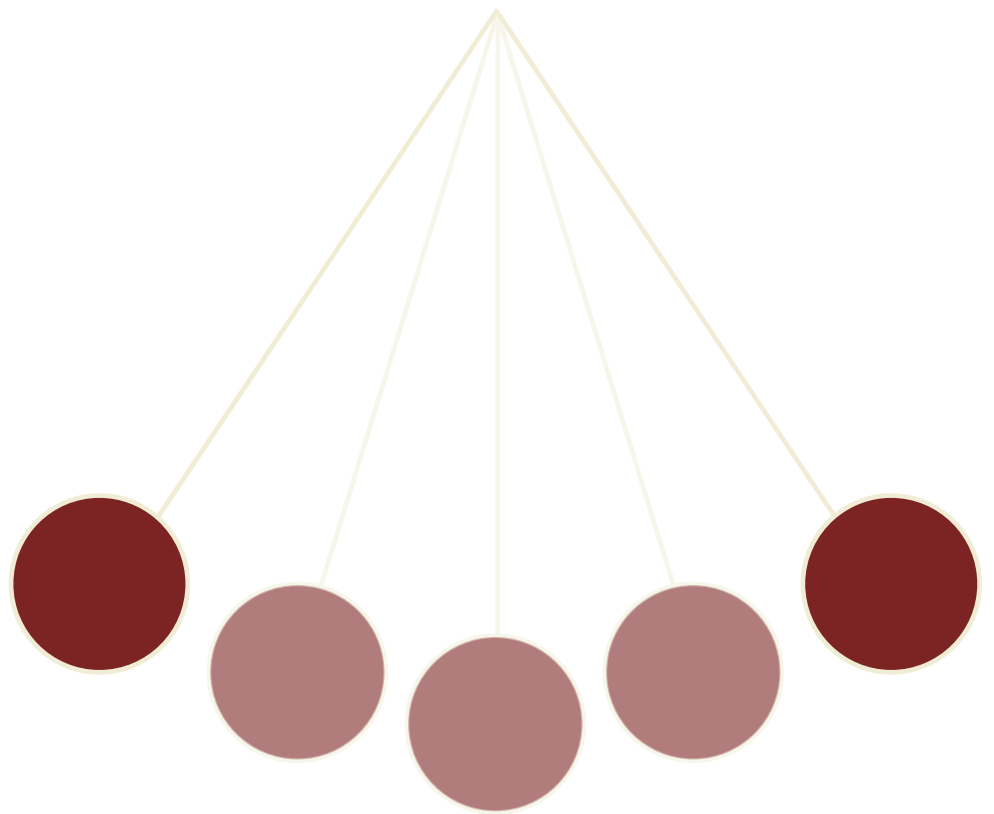
Tradução de Yara Osman

Basta que a cabeça humana retome seu antigo aceno de cima a baixo em sinal de 'sim' para que os reis retornem. De imediato.

Alain (Émile Chartier)

Em uma palestra proferida em 1961 e publicada recentemente em um livro dividido em quatro partes, Jacques Derrida (2023) reflete sobre a máxima do filósofo francês Alain (Émile Chartier): “Pensar é dizer não”, iniciando uma jornada desconstrutiva desta afirmação direta e categórica. No primeiro capítulo, Derrida concorda com a ideia, enfatizando que dizer “não” é o projeto da consciência: antes de tudo, um “não” dirigido ao próprio eu que deseja se render à realidade. Trata-se, portanto, de um “não” pelo qual o ego luta consigo mesmo em busca do que é melhor. Tal recusa é uma resistência ao que é, para alcançar aquilo que deve ser. Portanto, o ato de dizer “não”, a recusa, é, em essência, um gesto ético: aspira ao melhor, ao que deveria ser.

Na segunda parte de sua palestra, Derrida analisa a máxima de Alain do ponto de vista do significado de “pensamento”. Argumenta o filósofo que o pensamento não declara “não” para si mesmo, mas para a degradação de um si-mesmo genuíno. Degradação esta alicerçada sobre a submissão. Em sua compreensão, a submissão, por sua vez, é um “sim” ingênuo, tanto quanto vulgar, que deve ser silenciado, pois precede o julgamento, sendo levado a cabo somente pela aparência, ou pela primeira autoridade com a qual o ego se depara. Ainda assim, Derrida aponta, sempre na senda de Alain, que a submissão e a dúvida formam um par dialético, sendo uma necessária à outra. Quando dizemos “não” à submissão, dizemos “sim” a um valor de verdade, ou seja, a um outro valor. Igualmente, poderíamos dizer: pensar é dizer “sim”; “sim” a um valor axiológico, e, portanto, à vontade de verdade. Isto levanta uma importante questão presente na obra: seria toda vontade uma vontade pelo bem? Seria todo “sim”, de um modo ou outro, uma vontade para o bem? O que distingue aquele que diz “sim” daquele que diz “não” a uma ideia dada?



Um “Sim” Sangrento

À medida que lia a obra de Derrida, a palavra “sim” vagava freneticamente pela minha cabeça, página após página, evocando imagens baças de um momento em que uma única palavra tomou as rusa de Damasco em 2007: “Sim” (a Bachar al Assad). Uma frase simples se espalhou até que os olhos não a vissem mais, de tão repetida que estava em todos os lugares — em paredes e placas de trânsito, em anúncios de televisão, nas janelas de instituições governamentais, nas fachadas de lojas e em restaurantes de falafel e hummus. Em toda Damasco (e certamente em toda a Síria), em cada viela e cada rua, havia um grande “sim”. Um sim dirigido a uma pessoa: Bachar al Assad.

Com essas três letras, o Estado assumiu o controle da cidade e afirmou que o povo sírio havia tomado sua decisão ("Não foi sua decisão; o povo o escolheu") e proferido sua palavra ("Sim a Bachar al Assad"). Três letras - S, I, M - tomaram o controle de um país inteiro; Círculos de dabke vibravam, tambores rufavam, chawarma era distribuído a todos, e as coisas permaneciam como estavam. Isto até o momento da revolução síria, que começou com um “não” claro e retumbante, entrando então nos jogos de linguagem em que palavras e orientações se diversificaram: “nãos” céticos, “sims” temerosos, “nãos” disfarçados de “sims”, “sims” disfarçados de “nãos”, e outros ditos que não teriam fim.

No presente momento, em que o “sim” de Al Assad caiu e o criminoso fugiu da realidade síria, o dilema do “sim” e do “não” retorna ao espaço sociopolítico sírio de forma lamentável, se manifestando como conflito e combate (tanto no espaço público quanto nas redes sociais), entre exércitos compostos por certos e céticos a respeito daquilo que é e daquilo que deveria ser. Dedos em riste acusam, proferindo ideias e ideologias conflitantes, liberando suas delações pegajosas que previnem a existência de um corpo e a permanência de uma ideia através de recriminações que oscilam sempre entre o “sim” e o “não”. Ao dedo acusador que nos questiona, devemos sempre responder: “sim” ou “não”. Deste modo, tornamo-nos assassinos ou assassinados, sobreviventes ou desaparecidos, vítimas ou sacrificadores. Acima de tudo, tornam-nos patriotas ou traidores, torcedores ou rivais. Todas essas lutas terminam ao se dizer “sim” ou se intensificam ao se dizer “não”. E vice-versa. Mas elas certamente começam por estas duas palavras simples.



“O que foi” e “O que deveria ser”

A frase-chave (“aquilo que foi e aquilo que deveria ser”), governa a ideia de ação política, ou a ideia de ação, de fazer, em geral. Ela expressa o desejo de um grupo por mudança. Como reflete Derrida (2023), toda vontade é uma vontade para o bem: aquele que deseja mudança acredita que sua vontade é a melhor das vontades, e que a verdade que almeja é mais legítima que a vontade de terceiros. Do mesmo modo, aquele que diz “sim” àquilo que é, e o que diz “não”, são dois lados da mesma moeda, a moeda da vontade para o bem. Todos se orgulham de sua ética, de seu patriotismo, ou de sua pureza religiosa. O que difere, então, estes desejos pelo bem?

Na atualidade, as ideologias existentes na Síria se embatem em todas as frentes, e todas as parte tentam (conscientemente ou não), assumir controle, especialmente após a fuga de Assad, o momento da queda do Ba'ath sírio que, por décadas, constituiu o quadro ideológico e epistêmico (episteme), de muitos sírios, tanto leias quanto opostos ao regime. Neste momento, assim, a desestabilização (ou confusão) ideológica, que nos afligiu num momento de verdade política aparece como o início de uma nova batalha, que começa assim que uma muito aguardada ideologia, consciente ou não, retorna à cena.

Em *O que é Ideologia?*, Louis Althusser (2006), afirma que o conceito é, essencialmente, inconsciente mesmo quando nos aparece de forma consciente, e que ele consiste em um sistema de representações que constituem objetos culturais (percebidos, aceitos e suportados), afetando os seres humanos por meio de um processo que desconhecem. Segundo o filósofo, a ideologia diz respeito à relação de sofrimento (vitimização), que alia as pessoas a seu mundo, e que, sob ideologia, as pessoas não expressam suas relações com as condições de vida, mas, antes, a maneira pela qual vivem suas relações com tais condições. Tal afirmação nos ajuda a entender o conflito sírio, e Althusser afirma, também: “Sob ideologia, a verdadeira relação é situada na relação imaginária: relação que expressa uma vontade, ou esperança, e uma nostalgia, mais do que descreve uma realidade dada” (Althusser, 2006: 10)

As massas se dividem entre “sim” e “não” de acordo com o inconsciente ideológico, aliadas a seus sofrimentos reais e imaginários numa narrativa que molda a realidade das sociedades sírias (ou seus componentes). A ideologia se perfaz, assim, como o primeiro motor do valor destes “sims” e destes “nãos”. Ela é o que determina nossa visão de realidade e nosso espaço ético; é o que nos situa em níveis diferentes e distâncias variáveis da forma da Síria pela qual lutamos. Sendo assim, a audiência da nova autoridade corre para defendê-la por medo de um retorno, ou da emergência, de outra realidade síria que não corresponde a seu sofrimento, que foi narrado diferentemente até o falseamento.



O conflito sírio atual aparece, assim, como um “sim” ao governante e um “não” a seus inimigos sírios, um “sim” à ideologia do governante e um “não” àqueles que a ela se opõem. É um conflito de ideias políticas, portanto, entre um Estado islamista (com um imaginário Omíada), e um Estado secular, ou cívico, ou um Estado-remanescente-do-regime, ou, então, um Estado federativo, dentre outros. Este conflito ideológico, porém, é antes de tudo um conflito por poder, um conflito que visa sua consolidação e seu despotismo no governo. Assim, este não é somente um conflito sobre como ver e viver a realidade, mas um conflito por seu controle e pela negação de sua pluralidade. Tal despotismo sempre contará com os crimes de seus apoiadores e sua habilidade excepcional de lhes dizer “sim” a cada passo do caminho.

Os crimes sírios se multiplicam, e há vozes que emergem para imaginar seu sofrimento, misturando sua imaginação (histórica) à sua realidade, tornando a ideia de “Síria” mais complexa do que anteriormente. Identidades menores surgem às custas de uma identidade síria (cujo projeto política parece ter falhado), e todos confundem seus imaginários comunais (seus sonhos ideológicos) com a realidade passada, presente e futura. Em níveis variados, os sírios fazem uma dança das cadeiras que provavelmente só acabará quando o último “sírio” morrer.

Questões legítimas aparecem, como: “Teria a revolução começado para reviver o Estado Omíada?”, ou, “Teria a revolução começado para a construção de mesquitas em campi universitários?”. “Teria a revolução sido iniciada para que terras do Ministério de Waqf[1] pudessem ser retornadas, ou para mudar os detentores de contratos internacionais do Oriente para o Ocidente?”. “A revolução começou para alterar a realidade política ‘Chiita/Alauíta’ para uma realidade ‘Sunita’?”. Pois, de acordo com o que os sírios concordaram, a revolução começou por dignidade, ou seja, por um impulso ético que visava a restauração da dignidade que havia sido usurpada dos sírios, e não para humilhar alguns grupos em detrimento de outros, ou para reproduzir a humilhação de forma nova. (Veremos um “Sim a Ahmed al Charaa” ou a outros nomes que surgem pelas ruas de Damasco e outras cidades sírias?).

“Sim” e “Não” na Cabeça do Cidadão

Durante a revolução síria, acusações sempre eram direcionadas aos “cinzas”, àqueles que não se identificavam de forma explícita com uma posição política ou se engajavam em ação política, permanecendo, contudo, moldados pelas estruturas ideológicas que informaram suas percepções da realidade e seus lugares nela. Exatamente porque não eram nem apoiadores nem oponentes do Estado, a presença dos “cinzas” se tornou odiada por todos, fazendo com que as acusações surgissem. Seriam os “cinzas” ainda parte do cenário político sírio? Em sua palestra sobre democracia e conflito doutrinário, Nassif Nassar (2017), argumentou sobre a invalidade da ideia de declínio da ideologia, definindo-a como uma das expressões do ser social enquanto sujeito atuante.

[1] O Ministério de Waqf (ou Ministério dos Awaqf) é o órgão governamental responsável pela administração dos bens religiosos islâmicos denominados *waqf* — propriedades ou recursos doados permanentemente para fins religiosos ou de utilidade pública, como mesquitas, escolas e instituições de caridade. Em países de maioria muçulmana, como a Síria, o ministério supervisiona a gestão dessas fundações, regula atividades religiosas nas mesquitas e exerce funções de orientação e controle institucional sobre parte da vida religiosa pública.

Seria possível, com base nesta definição, descrever os “cinzas” como sujeitos ideológicos politicamente inativos? Em caso afirmativo, onde estariam, e de que modo seu inconsciente ideológico afetaria a luta pelo poder no país? Costumo me perguntar: será que todos na Síria têm uma agenda política que visa uma realidade que lhes convêm? Haveria alguma cabeça não engajada na ação política num país exaurido por uma longa guerra que afligiu quase todas as suas comunidades?

Ninguém pode negar as dores do longo conflito que o povo sírio atravessou, tampouco as calamidades que são a pobreza, a escassez e a miséria. O que deseja, então, o cidadão sírio? Teria algum dia desejado a secessão? Um Estado islamista? O poder descentralizado? Desejaria o reconhecimento identitário? Pensamos ou discutimos tais questões (especialmente à sombra de uma mídia que alimenta narrativas competitivas, milhões de dólares ilusórios para os projetos de reconstrução do país, e de promessas que podem incitar uma pessoa a defender quem os oferece, desencadeando mobilizações online e reais para atacar qualquer um que abale tais promessas)? Podemos, então, duvidar de que este alinhamento popular com o governo seja uma concordância ideológica? É possível pensar nisto como uma tentativa de se agarrar à ideia de sobrevivência? E, do mesmo modo, seria possível pensar que o acordo, de um lado, com a intervenção da Entidade Sionista, ou a formação de uma região interna sob auto-administração, não advenha de uma concordância ideológica, mas de uma tentativa de sobreviver à morte circundante?

A diversidade cultural síria (ideológica, teológico-doutrinária e, recentemente, narrativa, no sentido de que cada grupo tem uma interpretação diferente relativamente ao que aconteceu e acontece), sem dúvida se reflete nas disputas online entre sírios, e toma forma na vida real através de greves, protestos, marchas, brigas e mesmo mobilizações tribais, formações clânicas e fantasias históricas e religiosas. Mas seria possível pensar que a nova realidade compele alguns sírios (alguns deles, politicamente inativos), a entrarem nesta batalha por preocupação com a tábua de salvação que aparece em todas as ideologias?

“Sou um Ser Humano, não um Animal”, ou “Eu sou Sírio, Irmão”[2].

No que podemos nos apoiar para frear o ódio crescente entre as partes política e apolítica do povo, ódio este que se transforma diariamente em uma luta entre identidades estreitas? E isto especialmente à medida que a fragilidade da ideia de uma identidade síria se tornou clara, dado que dependeu principalmente da identidade do passado Baathista? Assim que o partido caiu, as características da identidade síria em si começaram a se dissolver, e narrativas menores se espalharam para resistir à desintegração. Como afirmou Aziz Al Azmeh (2015: 156), “ao menos que seja reinventada, não há futuro para a Síria como país”. Devemos, portanto, reinventá-la, inventando uma identidade nacional síria. Até lá, é possível pensar sobre o significado do patriotismo sírio atual? Podemos pensar no que define o pertencimento fundamental que une os membros do povo e seus grupos numa unidade horizontal e vertical? Antes, porém, e até que definamos o patriotismo sírio, não deveríamos brevar esta rendição cega que leva à degradação?

Segundo ‘Abd Al Rahman Al Kawkabi (2010:16), “qualquer governo, de qualquer tipo, não cessa de ser despótico a não ser sob vigilância estrita e responsabilização irrestrita”. Deveríamos reconsiderar toda essa deriva e torcida? Deveríamos parar os festivais gratuitos para observar a condição de certas cidades sírias, cidades estas com cujo povo convivemos e partilhamos a opressão e o pão? Sem dúvida isto envolve lutar contra o ego que comanda o “sim”, o mesmo ego que quer se render a ideias fáceis e claras, e dizer: “sim”, esta realidade é melhor do que a anterior (e só).

Será que as pessoas morreram porque mereciam?

[2] A expressão “sou humano, não sou animal” foi proferida espontaneamente em 2011 pelo cidadão sírio Mohammed Abdel Wahab, nos primeiros dias da revolta síria, na fronteira com a Turquia, como forma de protesto contra a repressão do regime anterior e contra o tratamento desumanizante imposto à população. Já a frase “sou sírio, meu irmão” se tornou amplamente reconhecida por sua circulação em vídeos associados a integrantes do novo governo, divulgados durante episódios de violência contra minorias, nos quais aparece como resposta à pergunta “de que seita você é?”, funcionando como marcador retórico em situações de humilhação e execução.

Este artigo não busca uma alternativa autoritária. Tampouco um projeto de governo, e não clama a posse de uma resposta pronta para uma Síria fraturada. Esta reflexão busca apenas chamar pela suspensão da reprodução de “sims” bárbaros pelos quais a Síria se tornou notória. Quero que pausemos, mesmo se por um segundo, antes que um dedo puxe o gatilho. Que lembremos que “Sou um ser humano, não um animal” e “Sou sírio, irmão”, são frases paralelas, frases que se focam em um valor que se eleva acima do desacordo doutrinal, frases comunais, pois, em ambas, o cidadão apela a um pertencimento comum que precede a ideologia, a autoridade e a divisão política, e clama ao criminoso que pense antes de atirar, e aos espectadores que pensem (isto é, que digam “não”), e dispensem as certezas incompreensíveis diante da realidade fragmentada da Síria atual.



Hoje, amigos e parentes tiram sarro de nós antes mesmo do inimigo. O fazem quando gritamos e dizemos que essa violência sem fim verte sangue a borbotões de ódio e vingança. Eles se riem de nós quando pedimos que pensem sobre a posição do governo perante uma entidade de bairro que quer devorar rios; riem se dizemos que o domínio de uma ideologia singular destruirá as possibilidades de futuro. E riem a cada “não” diante de criminosos que lavaram as mãos no momento da liberação e se apresentaram a nós como heróis salvadores. Hoje, a possibilidade de dizer “não” parece mais urgente do que em qualquer momento da curta história síria. Precisamos de um “sim” para o ser humano sírio e infinitos “não” para cada governante que queira erigir seu trono com nossos ossos.



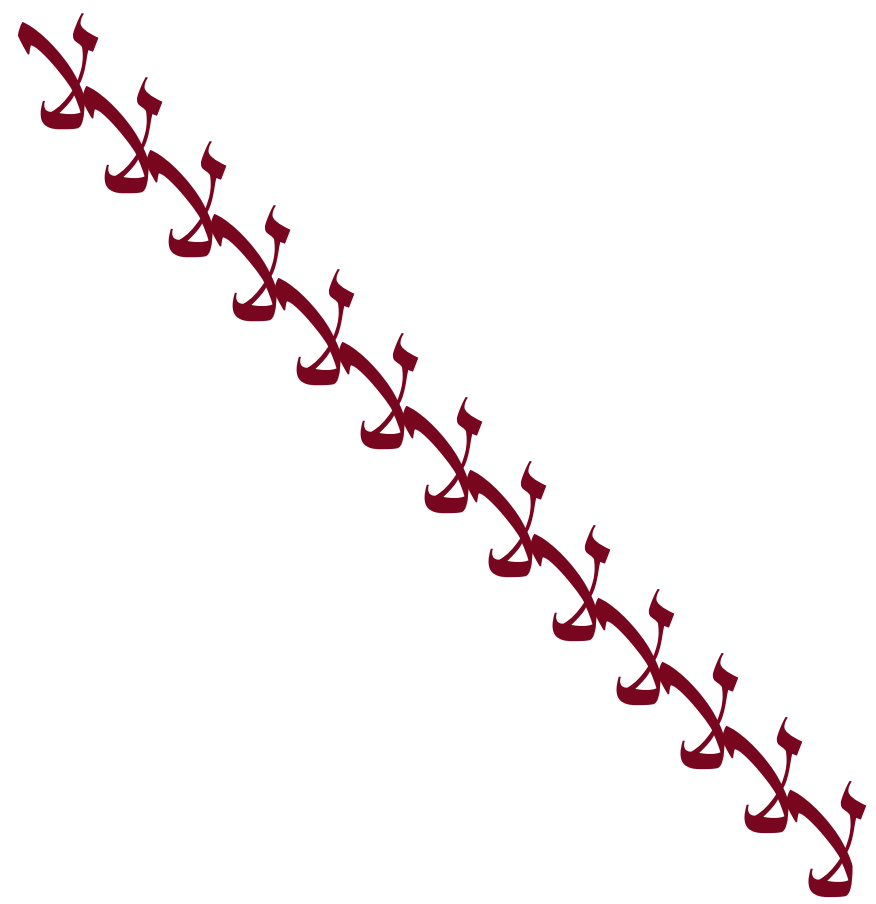
“Não”, e milhares de “nãos”.

Devemos preservar o “não” que derrubou o criminoso, e pelo qual centenas de milhares de sírios pereceram. Um “não” que pensa na necessidade de impedir as mortes de sírios, um “não” que quer uma realidade melhor para todos os sírios. Devemos preservar a possibilidade de dizer esse “não”, permitindo que outros o digam também – porque somente por meio desse “não”, e somente por meio da recusa, poderemos obter o que queremos. Isso não significa que não sejamos patriotas. Pelo contrário, a submissão à questão e a satisfação com a realidade nada mais são do que resquícios do pensamento pós-colonial, provenientes de uma realidade (francesa, otomana e outras) em que o colonizador impõe a realidade aos povos colonizados e os força a acenar com a cabeça e aceitar aquilo que é sem pensar naquilo que deveria ser.

“Não”, e mil “nãos”. Mais de um ano depois da mudança, alguns ainda se encantam com conquistas ilusórias e perseguem as declarações da autoridade para dizer “sim” (com alma e sangue) [3] “sim” a essa nova autoridade e “não” a todos que lhe dizem “não”. Eles riem sobre túmulos e cantam sobre cadáveres. Dizem “sim” a projetos imaginários de borboletas, “sim” a pisotear e esmagar todos que se opõem ao governo, “sim” a uma Síria que não aceita os outros, “sim” a declarar nossos parentes infiéis, “sim” a demitir funcionários de seus empregos, “sim” a perseguir a mendicância, “sim” a matar alauítas e drusos, e bombardear cristãos, se necessário, “sim” a prisões sem documentação e a detentos que “se suicidam com objetos cortantes”[4], “sim” ao “uiva e chora que melhora”[5], “sim” ao sectarismo, à invasão e à evocação de uma história sangrenta, “sim” à cooperação com inimigos, “sim” a perdoar criminosos, “sim” a retornar aos braços dos países que destruíram a Síria, “sim” ao massacre, “sim” à ignorância, “sim” à interferência na vida cotidiana das pessoas, “sim” à violência, “sim” a uma Assembleia Popular sem povo, “sim” a colocar a lealdade acima da competência, “sim” à mídia estatal cega.

*[3] A expressão “Sim, com alma e sangue” foi utilizada como slogan de lealdade ao regime Assad, remetendo à ideia de que o apoio ao líder deveria ser total, absoluto, e oferecido como prova de patriotismo (nota dos editores).

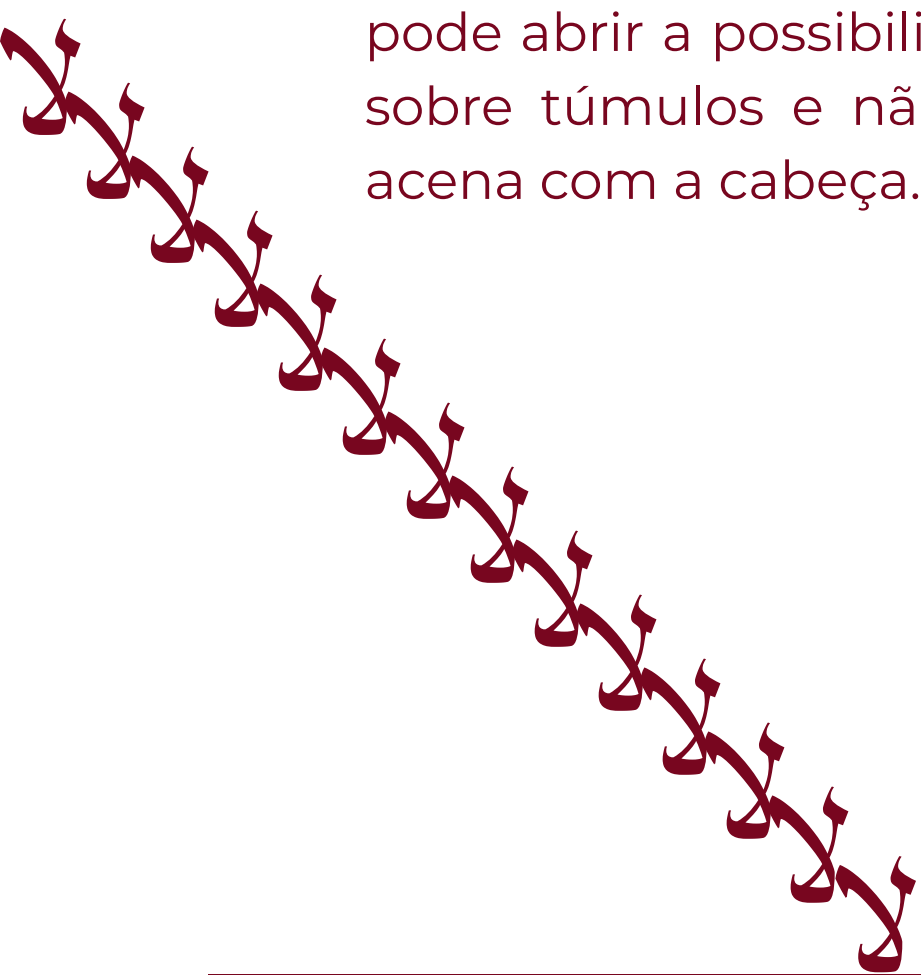
*[4] Referência ao episódio em que Yussef Al Labbad, um homem sírio que retornou da Alemanha à Síria para pagar uma promessa, foi capturado e morto por homens do novo regime sem razão aparente, nem devido processo investigativo por parte do governo (nota dos editores).



E embora o exército do “sim” seja muito maior, lembrarei de cada “não” existente, e continuarei me lembrando do homem que disse “não”, na forma de “Sou sírio, irmão”, quando se recusou a responder a uma pergunta simples e letal. Lembrarei da pátria que disse “não” a um oficial arrogante do exército e da criança que disse “não” a um ministro que fazia perguntas triviais. Lembrarei de cada “não” sírio, porque é a única maneira de sobreviver.

Em suma, o que precisamos hoje não é de um acordo sobre um novo “sim”, mas da coragem de suportar um “não” cujas consequências não são garantidas. O “não” não reivindica pureza, tampouco a posse do futuro, mas impede a repetição do passado. Pensar, como Derrida (2023) nos lembra, não é conforto, mas ansiedade; não é certeza, mas uma resistência constante a ceder à obediência. Somente essa resistência frágil e obstinada pode abrir a possibilidade de uma pátria não construída sobre túmulos e não governada por uma cabeça que acena com a cabeça.

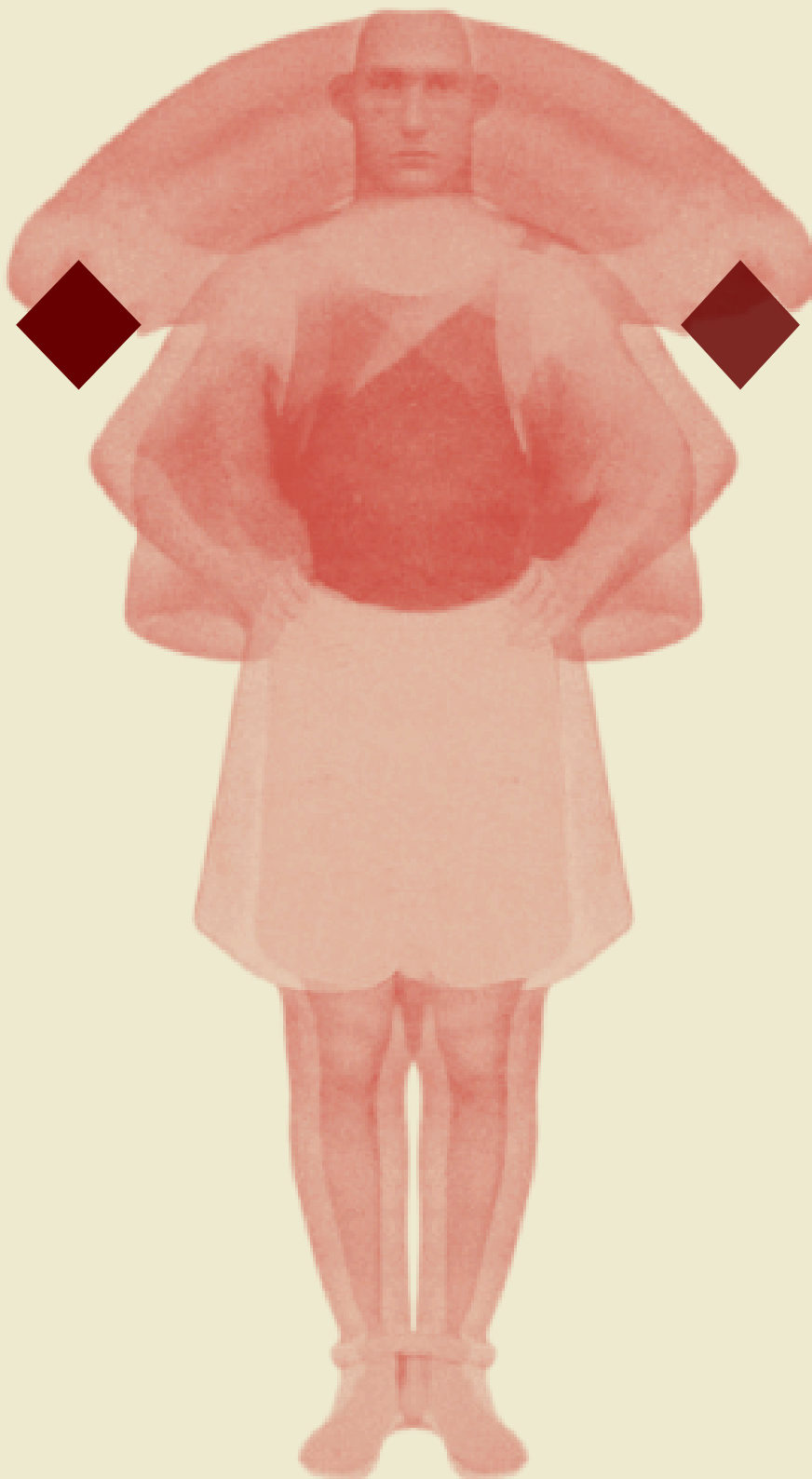
Depois disso, podemos argumentar intelectualmente e oscilar entre o “sim” e o “não”, ambos com o objetivo de produzir uma realidade política diferente.



[5] Frase famosa principalmente após os massacres que se iniciaram na Latáquia. Enquanto muitas pessoas divulgavam imagens de seus entes queridos assassinados, trolls proferiram repetidamente a frase “uiva e chora, que você melhora” (nota dos editores).

Referências

- AL AZMEH, A. (2015). *Sūriyā wa-al-ṣu‘ūd al-uṣūlī* (سوريا والصعود الأصولي) [A Síria e a Emergência do Fundamentalismo]. Beirut: Dar Riad El-Rayyes.
- ALTHUSSER, L. (2006). *Mā hiya al-īdiyūlūjiyā?* (ما هي الإيديولوجية؟) [“O que é ideologia?”], in *Al-īdiyūlūjiyā* (الإيديولوجيا), edição e tradução de Mohammed Sabila e Abdessalam Benabdelali. Casablanca: Dar Toubkal.
- DERRIDA, J. (2023) *An tufakkira: an taqūla lā* (أن تفكر: أن تقول لا) [Pensar é Dizer Não], tradução de Jalal Badla. Beirut: Dar Al Saqi.
- KAWAKIBI, A. A-R. (2010). *Ṭabā‘i‘ al-istibdād wa-maṣāri‘ al-isti‘bād* (طبائع الاستبداد ومصارع الاستعباد) [A Natureza da Tirania e as Consequências Devastadoras da Opressão]. Cairo: Hindawi Foundation.
- NASSAR, N. (2017). *Al-dīmuqrāṭiyya wa-al-ṣirā‘ al-‘aqā‘idī* (الديمقراطية والصراع العقائدي) [Democracia e Conflito Ideológico]. Beirut: Arab Center for Research and Publishing.



CULTURA

ARTES

LETRAS

SE SOIS UM POVO GRANDIOSO

Mohamed Al Saghir Ouled Ahmed

Tradução de Yara Osman

Se sois um povo grandioso,
votais em vós mesmo, no momento decisivo.

Se desejais a humilhação depois do desprezo...
regozijai-vos: e preparai vossa terra para o golpe fatal.

Se vos importa mais a barba — como a de um bode — do que a
dignidade...
sede bode... ou ministro de um rebanho resignado.

Se buscais “serviço”...
não sirvais aos governos — dizei: são eles que servem.

Se não encontrardes pedra para a ablução...
proclamai: a essência da fé jaz na surata Al-Ma'idah.

Se vosso Deus é vosso amor exclusivo...
confessai-Lhe que somos órfãos, e que nascemos sem propósito.

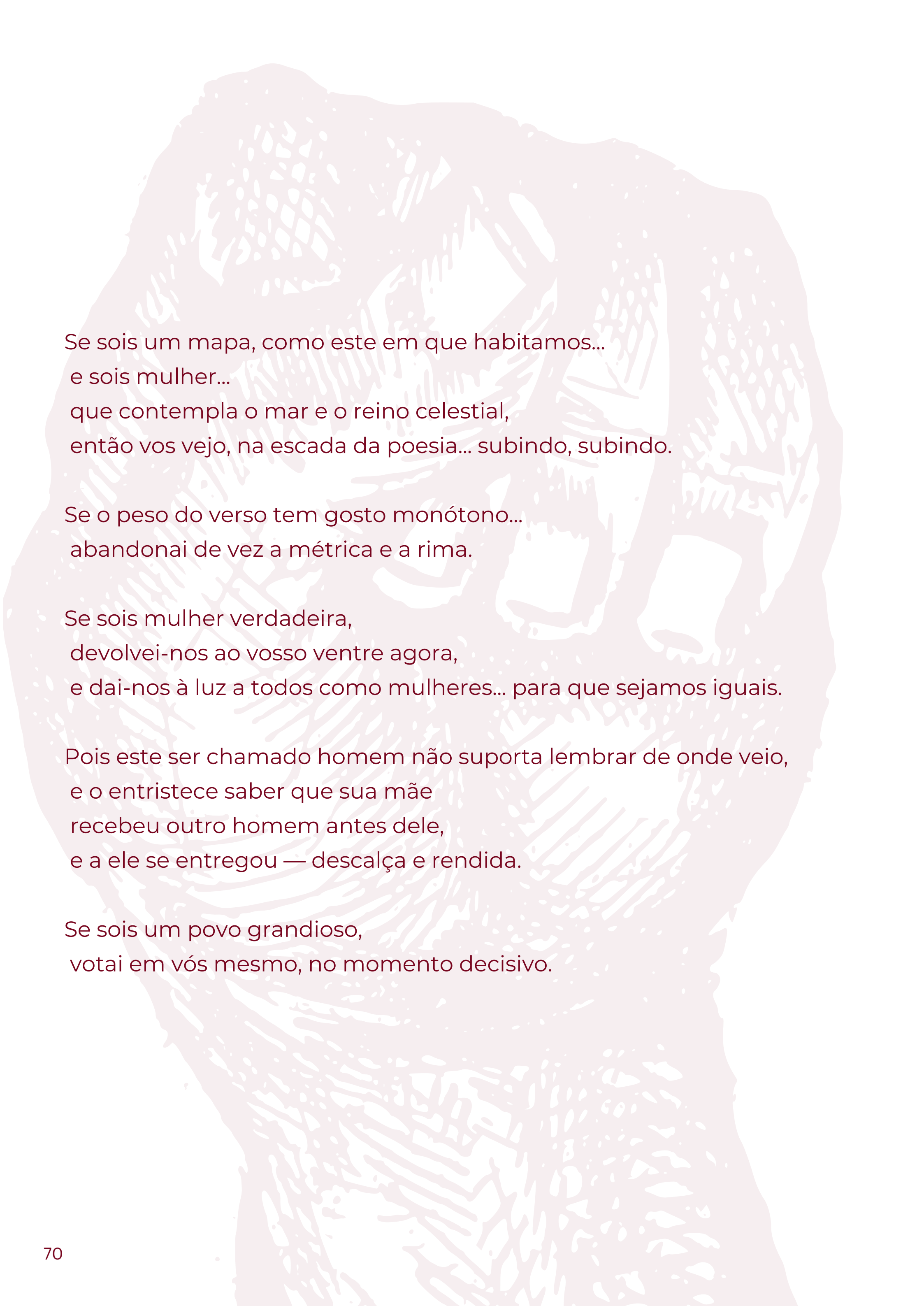
Se jamais lestes além de um só livro...
levai vosso pai e vossa mãe ao médico,
e que lá vos deem à luz — sem pai, sem mãe.

Se resistis no último protesto...
e chega o tempo de desposardes uma menina fora da resistência...
desposai apenas aquela que resiste.

Se é preciso uma revolução para revoltar-vos contra uma revolução que
não se revolta...
então o desvio é a origem... e a norma.

Se a constituição deles fala de seres que não somos nós,
de uma mulher... que não vemos,
de um tempo... que não é este,
de uma polícia... do corpo,
e nossos destinos se perdem na névoa,
e até a névoa se perde...
então esta é a pedra da poesia no lago estagnado.

Se sois medrosa, como o avestruz, como eu — e de mim...
amo-vos — se vos revelais... ou negais.



Se sois um mapa, como este em que habitamos...
e sois mulher...
que contempla o mar e o reino celestial,
então vos vejo, na escada da poesia... subindo, subindo.

Se o peso do verso tem gosto monótono...
abandonai de vez a métrica e a rima.

Se sois mulher verdadeira,
devolvei-nos ao vosso ventre agora,
e dai-nos à luz a todos como mulheres... para que sejamos iguais.

Pois este ser chamado homem não suporta lembrar de onde veio,
e o entristece saber que sua mãe
recebeu outro homem antes dele,
e a ele se entregou — descalça e rendida.

Se sois um povo grandioso,
votai em vós mesmo, no momento decisivo.



Exposição

Al Jaliah

João Sousa

Nota dos Editores

Este texto foi compartilhado pelo autor em novembro de 2025. João Sousa nos forneceu um testemunho no calor de um instante específico que, no momento da publicação deste número, infelizmente se repete com a agressão sionista no Líbano. Em conversa em fevereiro de 2026, o autor chegou a perguntar aos editores se seria necessária uma atualização, ao que respondemos que não; embora o tempo tenha corrido e a dimensão da crise no Líbano tenha se expandido, as fotografias de João - e seu relato textual - apresentam de forma explícita seu *index* histórico (para usarmos um termo de Walter Benjamin): elas nos transportam para um momento específico que muito claramente existe num contínuo que nos traz para o agora, que se presentifica, que mostra que a verdadeira catástrofe é que tudo permaneça como é. Há quem prime pelo conteúdo, que deseje a informação e os números. Aqui, porém, a forma bem definida do ensaio de João Sousa construída a partir do relato sensível que introduz as imagens, perfaz um registro precioso do documento de barbárie que é a cultura contemporânea. E, mais importante, de como responder afirmativamente a tal barbárie. E sobrevivê-la.

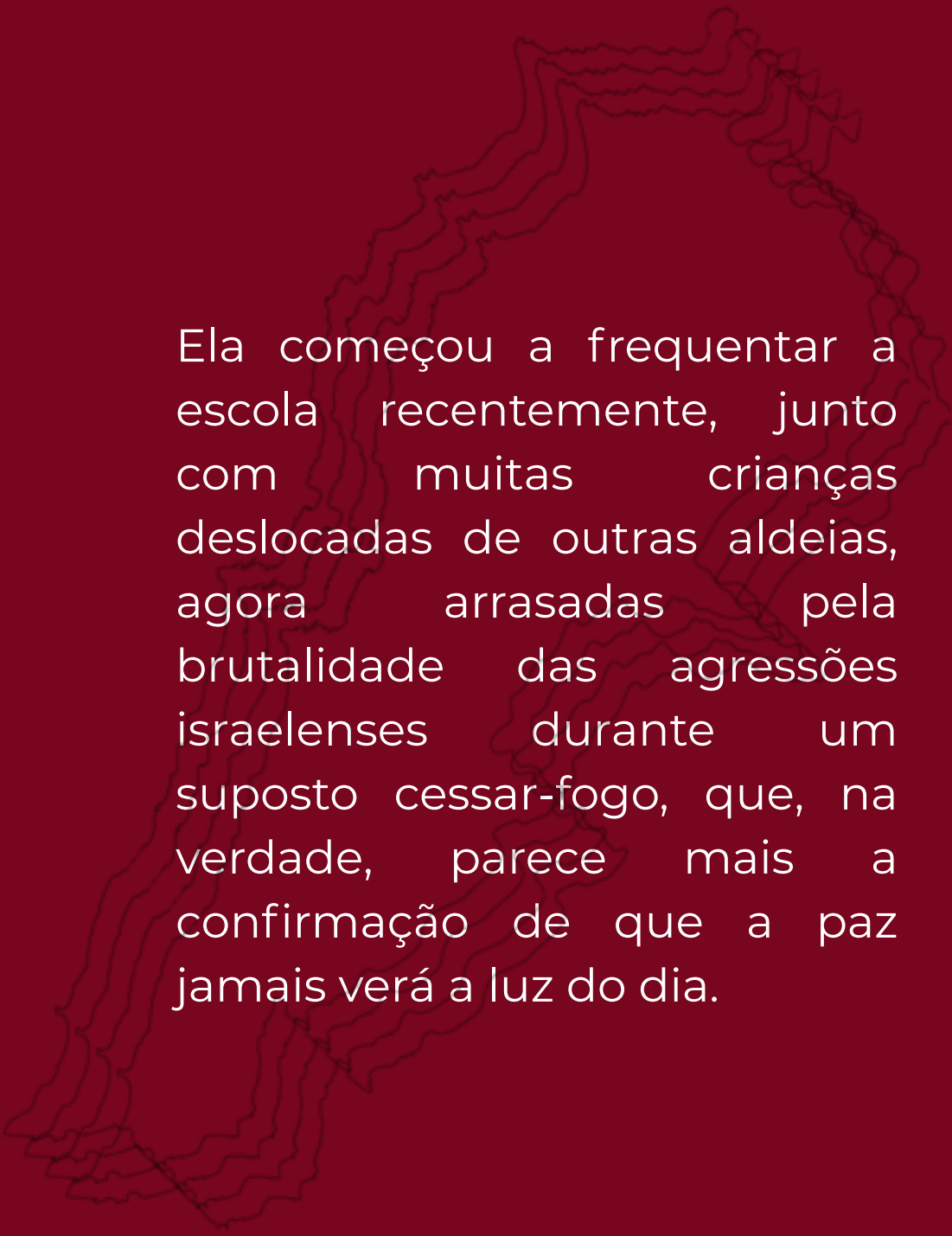


"Temos tantos mártires agora", disse-nos Ali a caminho do sul, depois de nos buscar em Beirute. Tínhamos estado fora por quase meio ano, após um período de repatriação em Portugal, minha terra natal, onde fiquei com minha esposa e filha. Esse foi o período mais longo que já passamos longe da nossa família libanesa, cujos membros sofreram o período mais sombrio e sangrento da guerra com Israel, deslocados de suas casas e espalhados pelo país, e até mesmo em partes da Síria e do Iraque. Um dos nossos primos foi morto por um ataque aéreo israelense no final de outubro do ano passado, enquanto estávamos exilados, um evento devastador que até hoje não conseguimos processar mentalmente, muito menos lamentar adequadamente nossa perda. A distância geográfica foi um elemento implacável que não nos deixou fazer o luto junto a nossos familiares durante aquele episódio horrendo.

No dia seguinte, vi a dimensão da destruição causada à aldeia da minha esposa e as inúmeras faixas com retratos dos mártires locais. Ali estava certo; o número de mortos, dessa vez, não tinha precedentes.

Nossa decisão de retornar ao Líbano não foi fácil. Como poderíamos presumir que a promessa de um cessar-fogo seria uma garantia básica de segurança e o caminho para reconstruir nossas vidas em família? A resposta chegou rápido demais, com o som incessante de drones israelenses sobrevoando-nos, e as notícias frequentes de bombardeios indiscriminados em áreas residenciais e assassinatos de civis em um período que deveria ser de paz. Em diversas ocasiões, contemplamos partir novamente, desta vez, para sempre. "Talvez tenha sido um erro crucial voltar para o Líbano" é um pensamento diário que eu e minha esposa compartilhamos, num terrível dilema de deixar nossos entes queridos para trás mais uma vez, sabendo que talvez nunca mais os vejamos.

Há momentos em que, certamente, nos arrependemos de ter retornado. Um deles foi quando alguns familiares irromperam pela nossa casa no sul adentro, em meio a gritos desesperados, nos alertando que Israel estava prestes a bombardear nosso bairro, o que nos levou a fugir para outra parte da região, sem saber se conseguiríamos voltar. Horas depois, no entanto, fomos informados pelo Exército Libanês de que era seguro retornar para casa. Em outra ocasião, fomos abruptamente surpreendidos pelos sons e impactos de intensos bombardeios perto de Nabatieh, a ponto de termos a sensação de que íamos ser mortos. Minha filha de dois anos me perguntou, literalmente: "Papai, o que está acontecendo?". Pela primeira vez na vida, ela percebeu que o que se estava passando não era normal. Isso me entristeceu profundamente e me fez sentir culpado por expô-la aos perigos reais da guerra.



Ela começou a frequentar a escola recentemente, junto com muitas crianças deslocadas de outras aldeias, agora arrasadas pela brutalidade das agressões israelenses durante um suposto cessar-fogo, que, na verdade, parece mais a confirmação de que a paz jamais verá a luz do dia.


Dahiyeh, onde morei por mais de quatro anos, está devastada. Quarteirões inteiros de apartamentos desapareceram e regularmente precisamos encontrar rotas alternativas para navegar pelos escombros e chegar a alguns dos lugares familiares que antes faziam parte de nossas vidas. Em certas ocasiões, olhamos ao redor e simplesmente não reconhecemos onde estamos. Esse é um dos efeitos mais perversos do urbicídio (o assassinato de uma cidade): ter sua própria cidade tão desfigurada pela destruição em massa que você fica momentaneamente incapaz de identificar onde está. Lá também vivem milhares de famílias que se viram deslocadas, agora tentando recomeçar suas vidas do zero. Os comerciantes locais hesitam em investir mais, sem saber se terão que fechar tudo novamente em caso de uma nova escalada por parte de Israel. Sem mencionar as inúmeras pessoas com quem conversei que confessaram desejar deixar o Líbano assim que possível; as mesmas pessoas que, anos antes, estavam tão felizes em permanecer em sua terra, apesar das múltiplas crises que afetavam o país e sua realidade socioeconômica.

E, no entanto, aqui estamos e provavelmente permaneceremos até que seja absolutamente impossível continuarmos. Existir é resistir; ao existirmos nesta terra, resistimos à ocupação. Esta é a terra da minha esposa e onde nossa querida família permanece. Apesar das bombas e das ameaças de uma nova escalada horrível e devastadora por parte de Israel contra o Líbano, nossa comunidade é uma unidade inquebrável. Rimos, colhemos azeitonas, fumamos narguilé, nos preocupamos até a morte, e rimos novamente.

RECONSTRUÍMOS A CADA DIA




شهداء
في طريق القدس



الشهيد السعيد
نبيل ابراهيم حسن
(أبو شكيب)

شهداء
في طريق القدس



الشهيد السعيد
حسين عبد المنعم ابو الحسين
(أبو عتد)

شهداء
في طريق القدس



محمد جعفر فضل عطوي
حسين احمد عطوي

بالشهداء لتينا





















Douglas Lambert

“Se eu Devo Morrer” - Refaat Alareer

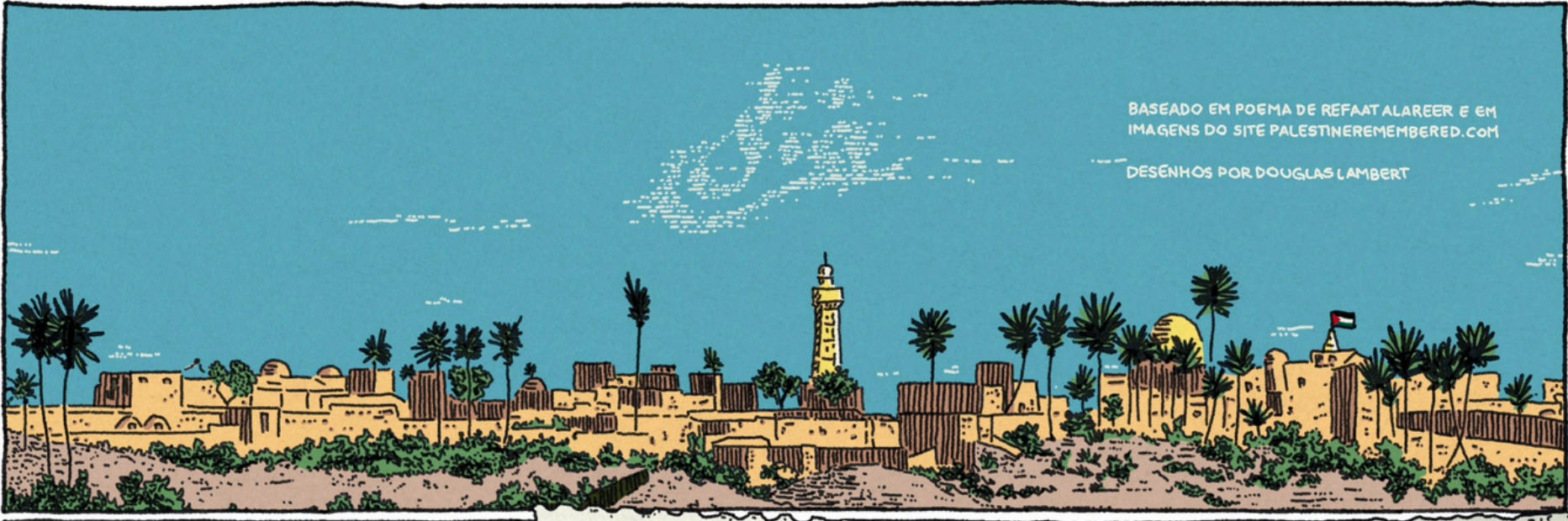
Eu não conhecia Refaat Alareer antes do genocídio palestino recomeçar em 2023. Quando tive contato com sua obra, ele já não era mais vivo. O poema "If I Must Die", publicado em inglês no Twitter pouco tempo antes de seu assassinato pelo exército israelense, havia sido adaptado para uma história em quadrinhos pela artista americana Melissa Mendes e publicado pelo coletivo *Cartoonists For Palestine*, grupo de artistas e editores que se uniram para produzir uma antologia beneficente em prol das vítimas daquele massacre. O poema, o quadrinho e as imagens chocantes daquela guerra me tocaram profundamente. Melissa havia feito um trabalho lindo e delicado, mas me incomodava que sua arte, legitimamente, focava na situação presente de Gaza e deixava pouco espaço, somente a pipa (como no próprio poema), como sinal de esperança.

A partir desse incômodo decidi produzir minha própria adaptação de “If I Must Die”. Primeiro o poema foi traduzido para o português com a ajuda de um colaborador anônimo e em seguida eu mergulhei em uma pesquisa por imagens antigas de Palestina, dando preferência para registro pré-Nakba. Para os desenhos em si, decidi por um estilo semelhante às histórias de Tintim, com sua linha clara e economia de cores. Hergé, fortemente influenciado pelo horrível passado colonial belga, produziu trabalhos racistas e preconceituosos no início de sua carreira, mas foi capaz de aprender com seus erros e, a partir de "Tintim e O Lótus Azul", passou a retratar povos e culturas de maneira mais realista. Seu traço e seu trabalho carregam essa história de mudança e arrependimento, algo que imaginei dar mais força ao desenho de um passado hoje completamente destruído.

Minha adaptação de "If I Must Die" foi publicada pela Crucial Comix em "Cartoonists for Palestine" (2024) e pela revista americana "In These Times", em sua edição de agosto/setembro de 2025. No início do ano a revista belga Apache, terra natal de Hergé, publicou "Als Ik Moet Sterven", tradução holandesa do meu trabalho. "Se Minha Sina é a Morte" é publicado pela primeira vez em português aqui, na Al Jaliah.

BASEADO EM POEMA DE REFAAT ALAREER E EM
IMAGENS DO SITE PALESTINEREMEMBERED.COM

DESENHOS POR DOUGLAS LAMBERT



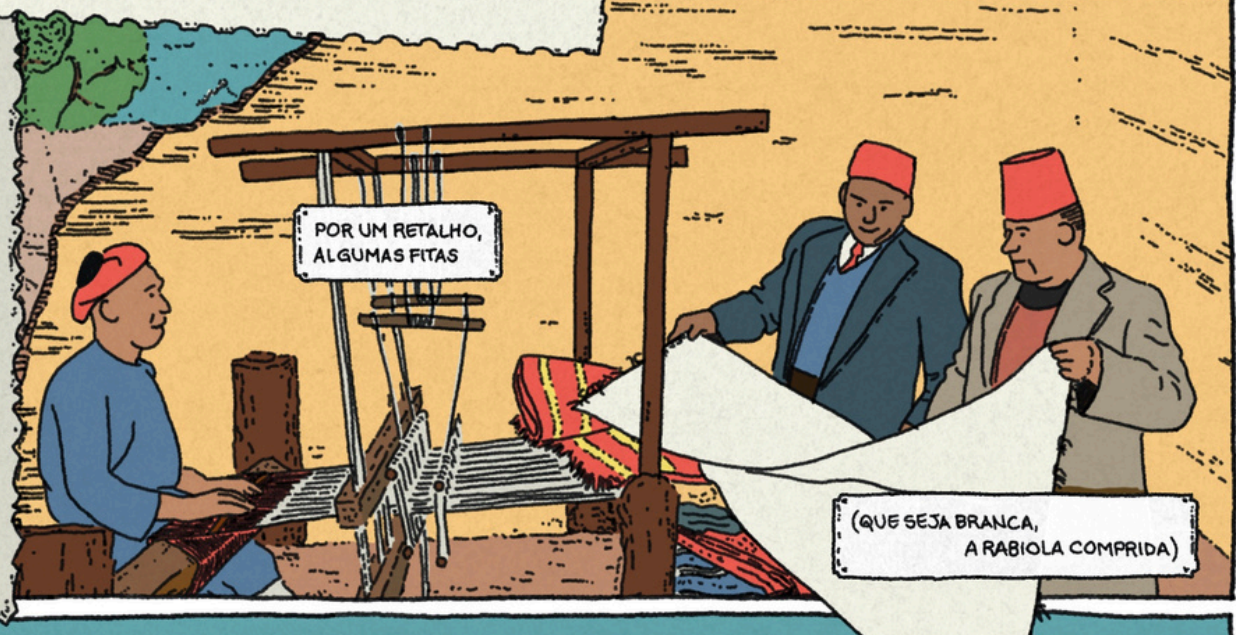
SE MINHA SINA É A MORTE,
A SUA DEVE SER A VIDA



PARA CONTAR MINHA HISTÓRIA



ETROCAR MEU ESPÓLIO

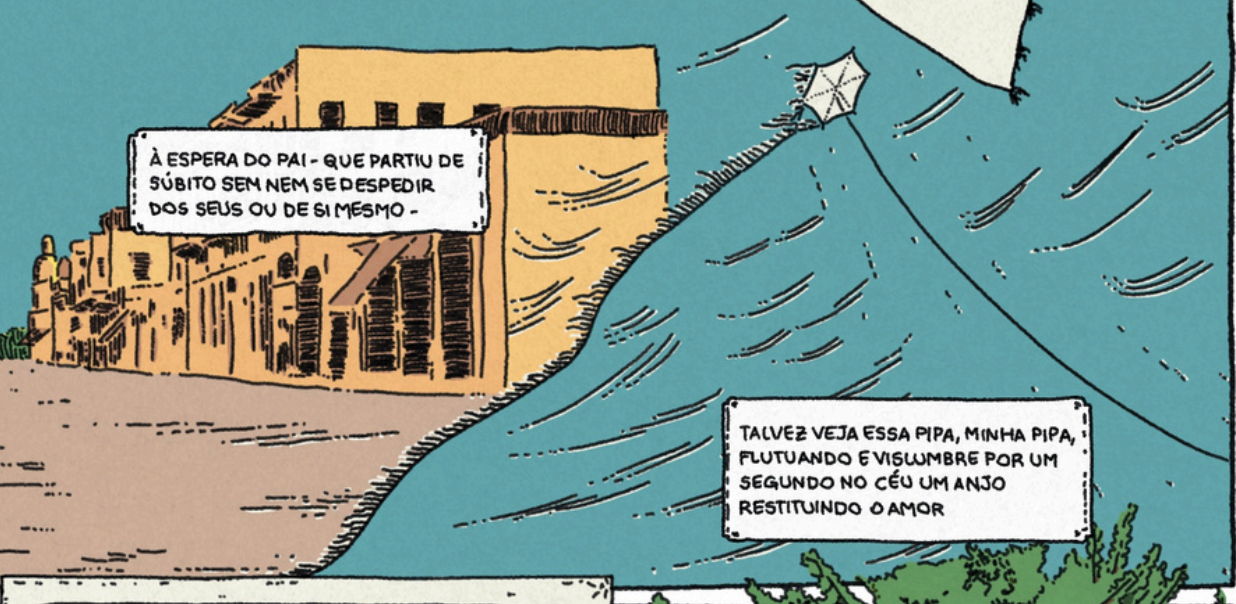


POR UM RETALHO,
ALGUMAS FITAS

(QUE SEJA BRANCA,
A RABIOLA COMPRIDA)

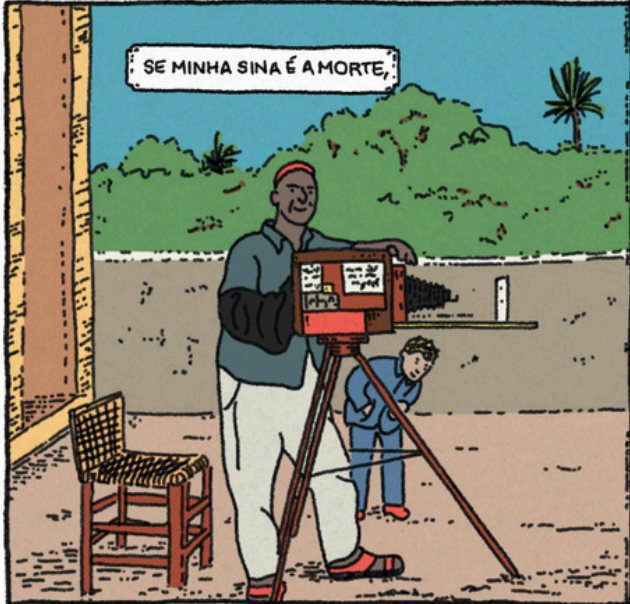


ENTÃO A CRIANÇA EM GAZA,
AO OLHAR PARA CIMA,



À ESPERA DO PAI - QUE PARTIU DE
SÚBITO SEM NEM SE DESPEDIR
DOS SEUS OU DE SI MESMO -

TALVEZ VEJA ESSA PIPA, MINHA PIPA,
FLUTUANDO E VISUMBRE POR UM
SEGUNDO NO CÉU UM ANJO
RESTITUINDO O AMOR



SE MINHA SINA É A MORTE,



QUE ELA TRAGA ESPERANÇA

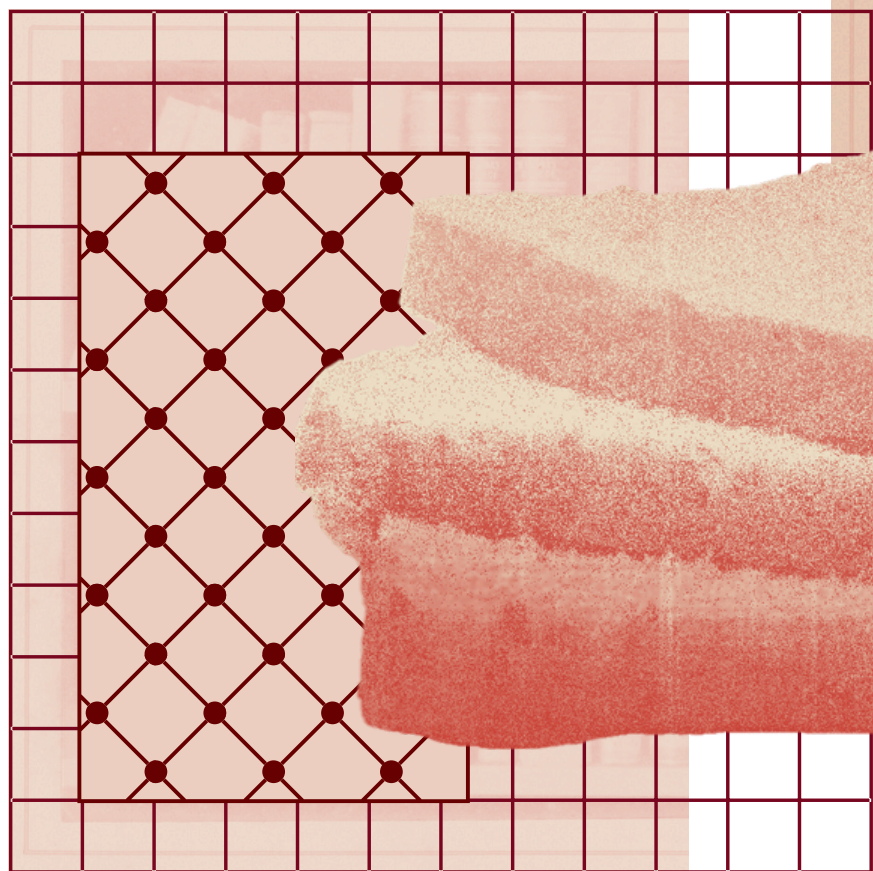
E COMO FÁBULA INSPIRE VIDA.

1944

Y. Y. J.

RESENHAS

AS FRONTEIRAS DA PALESTINA: PSICANÁLISE COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA



Marcus Vinícius Neto Silva

Em psicanálise valorizamos muito a ideia da repetição, do retorno, de visitar lugares e memórias para que em algum momento isso receba um novo significado. No caso da Palestina, contudo, essas noções carregam outros sentidos. O retorno à terra, que é desejado, mas impedido. A repetição incessante e sufocante da violência da colonização. A impossibilidade de visitar aquilo que foi destruído pelas mãos dos sionistas.

Transitando por esses e muitos outros impasses e tensões entre o que a psicanálise pode produzir de libertador e seu uso como ferramenta de silenciamento, Lara e Stephen Sheehi, em *Psychoanalysis Under Occupation*, nos conduzem a questões que estão no centro da nossa prática como psicanalistas do Sul Global.

O livro, publicado em 2022, antecede o genocídio executado por Israel em Gaza e o aumento da violência colonial israelense na Cisjordânia, bem como os ataques e invasões subsequentes do território do Líbano, Síria e Irã. Mesmo assim, a leitura sofisticada e aprofundada feita pelos autores é uma importante arma a ser empunhada por psicanalistas nos debates sobre a Palestina no interior do movimento psicanalítico. A tradução brasileira do livro está sendo preparada, com previsão de publicação em 2026, pelas Edições Inadequadas.

O estudo é composto por 4 capítulos, onde são abordadas diferentes aspectos da prática psicanalítica na Palestina. Um dos elementos constantes na obra é a consideração da “fronteira fluida e dinâmica entre o social e o psíquico, entre o político e o subjetivo e entre o coletivo e o individual” (Sheehi & Sheehi, 2022: 91, tradução nossa).

O primeiro capítulo, “Practicing disalienation”, está centrado na discussão do caso de Amjad, que apresenta desafios exemplares da situação enfrentada pelos psicanalistas locais, além de ter desdobramentos que permitem acessar formas de resistência através da prática analítica. O segundo capítulo, “The will to live in Palestine”, discute os esforços de palestinos (pacientes e também analistas) para criar formas de afirmação da vida, o que passa inevitavelmente por uma consideração sobre os sentidos e funções do suicídio, bem como da “morte lenta” imposta pela ocupação. Já no terceiro capítulo, “Psychoanalytic Innocence”, os autores fazem uma avaliação crítica das tentativas de estabelecimento de “diálogo” entre israelenses e palestinos, que tende a ignorar a diferença nas condições das duas partes. A mesma crítica é estendida à neutralidade do analista, ferramenta técnica que ajuda a mascarar ou mesmo ocultar os fatores ideológicos em ação. Aqui, se valem do episódio em que a Associação Internacional de Psicanálise Relacional e Psicoterapia ignora os pedidos de membros e não-membros para boicotarem Israel, analisando como instituições de psicanálise se alinham ideologicamente ao sionismo, mesmo quando acreditam estar se posicionando de forma isenta.

O quarto capítulo, “Psychotherapeutic Commons in Liberated Palestine”, explora a forma como clínicos palestinos compreendem sua posição no interior do sistema e que estratégias de enfrentamento eles desenvolvem, dada a colaboração da teoria psicanalítica com as forças que mantêm o sistema de pé. Isso é feito através do relato de psicanalistas palestinos sobre suas formações e experiências de supervisão com psicanalistas israelenses, com especial atenção ao uso da linguagem nessas relações. Por fim, no epílogo, “Resistance keeps us sane”, tomam a obra de poetas palestinos para reafirmar a rejeição do lugar de vítima, geralmente ofertado aos palestinos. Ecoando as palavras de Nidal, um dos clínicos com que dialogaram, reforçam a noção de que “a resistência nos mantém sãos”, o que significa que o enfrentamento do sofrimento produzido pela continuidade da Nakba passa pela construção de formas coletivas de luta, e a psicanálise pode estar também implicada nesse movimento.

A resistência através da psicanálise

Desde sua fundação, o Estado de Israel opera tanto para reescrever a história da região (e com isso justificar sua existência) quanto para silenciar a resistência palestina (ou mantê-la sob seu jugo). Nas palavras de Said (2012: 122), “o objetivo político de Israel tem sido manter os árabes pacificados, incapazes de impedir a duradoura dominação de Israel”.

Uma das frentes em que o sionismo atua é o apagamento e reescrita da história da psicanálise. Essa atuação é visível, por exemplo, na publicação de dois livros que aspiram narrar a entrada da psicanálise na Palestina e discutir os vínculos que ela ali estabelece. Tanto em *Freud no Kibutz*, quanto em *A Psicanálise em Israel* (ambos publicados em 2023 no Brasil), Liebermann narra uma história em que árabes e palestinos não passam de coadjuvantes. Surgem sempre no pano de fundo, como perigos que forçaram os pioneiros sionistas a lutar. Uma narrativa desavergonhadamente sionista, carregada de idealizações desses supostos heróis que desbravaram aquelas terras enquanto promovendo uma espécie de soterramento da história do povo palestino, que só comparece em uma ou outra linha como uma ameaça a ser superada.

Esse objetivo de apagamento, perseguido com afinco pelos sionistas, encontra sempre uma limitação muito real: as diversas formas de resistência e enfrentamento do povo palestino, que insiste em não se deixar submeter. Lara Sheehi e Stephen Sheehi são categóricos a esse respeito:

reconhecemos que o colonialismo de ocupação sionista não é o que constitui a identidade palestina, individualmente e coletivamente. Nesse contexto, compreendemos que os povos originários da Palestina (árabes, armênios, circassianos e outros) possuem uma subjetividade complexa que precede a ascensão do sionismo na Palestina e também continua a existir fora dele (Sheehi & Sheehi, 2022: 22, tradução nossa).



Lara Sheehi



Stephen Sheehi

Desse modo, os autores vão acompanhar o relato de psicanalistas palestinos a respeito dos casos que atendem, bem como das dificuldades que enfrentam e como lidam com a sobreposição da realidade colonial ao setting analítico. Esse é um ponto que reaparece ao longo de toda a obra: como os psicanalistas lidam com essa violência que insiste em invadir o espaço (que deveria ser seguro) da análise? “De uma forma ou de outra, a ocupação sempre entra no consultório”, afirma Yoa’d, uma das psicanalistas com quem os autores estabelecem diálogo. “A ocupação existe mesmo quando não é mencionada”, aponta Karim, clínico, ativista político e ex-prisioneiro político (Sheehi & Sheehi, 2022: 36, tradução nossa).

É recorrente a afirmação, feita por vários dos clínicos com quem os autores conversaram, de que a ocupação fornecia a linguagem que dava forma aos sintomas dos pacientes. Eles nos apresentam isso em variadas formas. Amjad, um homem com um sensação de ter uma bola na garganta e dificuldade de falar e de respirar traz à tona a cena em que um soldado israelense proíbe que ele e a filha saiam do carro, obrigando a menina a urinar ali dentro, abraçada ao pai. A humilhação, a sensação de sufocamento e a violência da colonização invadem o vínculo do pai com a filha, atacam a percepção de Amjad sobre si mesmo como homem. Outro paciente, diagnosticado como esquizofrênico, teme ultrapassar os portões da Cidade Velha por acreditar que sairia voando. Um terceiro paciente sequer conseguia sair de casa, no que poderia ser lido como uma neurose obsessiva muito grave, mas que revela em um passado recente ter sido aprisionado e mantido na prisão por alguns anos. O medo de sair, de abandonar a mãe e a profunda angústia enfrentada por esse paciente não podiam ser vistos como desvinculados da realidade enfrentada por ele. Diferentes sintomas e modos de sofrimento, todos construídos a partir dos símbolos disponíveis na realidade colonial.

Os autores não abandonam as possíveis leituras psicanalíticas sobre o sofrimento dos palestinos, tornando-as mais sofisticadas ao considerá-las paralelamente às condições de vida daqueles sujeitos. É exemplar a discussão apresentada sobre o suicídio de Mohannad Younis. Não é apenas uma morte produzida pelo contexto de restrição opressora de seus movimentos (negação de visto para sair do país, o que restringe suas possibilidade de formação e também de trabalho), mas também pelo abandono e restrições impostas pelo pai de Mohannad (negação de ajudá-lo com o dote necessário para se casar, constantes afirmações de sua falta de valor). As estratégias de Mohannad para tentar lidar com essas pressões e se apropriar delas parecem não alcançar uma via satisfatória, apesar de sua promissora produção literária. Não é possível localizar apenas uma espécie de falha em seus processos defensivos contra a violência que o atinge, mas talvez sua morte se apresente também como uma afirmação da vida. Mais do que pretender explicar o que teria motivado Mohannad, os autores demonstram como ele (e toda pessoa que vive sob a ocupação sionista) é alvo de uma redução no

espaço pelo qual a pessoa pode circular livremente e que isso objetiva a destruição do self (*nafs*).

Tomando este caso como exemplo, vê-se, ao longo da discussão de diferentes aspectos do trabalho clínico no contexto de colonização, a imposição da ideia de um “paralelo entre a realidade material e psíquica e as formas através das quais palestinos conseguem ou não metabolizar o sofrimento pessoal e coletivo” (Sheehi & Sheehi, 2022: 88, tradução nossa).

Neutralidade ou cumplicidade?

Esse contexto, da violência colonial sionista, apresenta desafios tanto para os pacientes quanto para analistas. Psicólogos e psicanalistas palestinos frequentemente trabalham também submetidos ao controle sionista ou ameaçados por ele. Seja pela obrigação de ter um supervisor isarelense, como relata Yoa'd, que a pressionava para conduzir o caso em determinado rumo e diante do qual ela teve que criar formas de esquivar para tornar a escuta possível, ou pelo financiamento precário das clínicas que atendem árabes, fato mencionado por Ali, e que impunha limitações de amplo alcance.

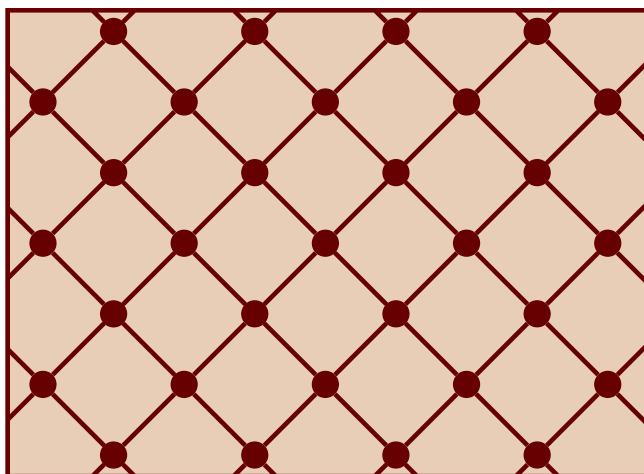
Mas os autores não mantêm suas reflexões circunscritas a preocupações com a direção do tratamento e problemas de técnica psicanalítica. Eles se propõem a interpelar diretamente as instituições psicanalíticas que se aliam, direta ou indiretamente, ao Estado colonial sionista chamado Israel.

Através da crítica à neutralidade do analista, tomam exemplos de instituições que organizam congressos em Israel, mesmo diante de protestos e pedidos de boicote, em nome de uma suposta imparcialidade. Fica evidente que iniciativas que propõem um “diálogo” entre as duas partes acabam, na prática, validando a posição dos sionistas e apagando o conflito. Assim, essas iniciativas estão imersas em ‘doisladismos’, onde os lados são assimétricos e desiguais, onde há

dois diferentes traumas (a Shoah e a Nakba) e onde a violência é bidirecional. No fim, ninguém é culpado/todos são culpados” (Sheehi & Sheehi, 2022: 126-7, tradução nossa). Encontramos aqui ecos da posição de muitos psicanalistas brasileiros, que repetem uma condenação à violência “dos dois lados” e propõe a construção de uma saída “pela palavra”, quando, na prática, a conversa se dá entre o pescoço e a espada (tomando a expressão de Kanafani).

É também por ação daqueles que corroboram a ocupação israelense que os palestinos morrem: “[...] os acadêmicos que se entregam à arrogância e interpretações deliberadamente equivocadas, que mutilam Frantz Fanon e Walter Benjamin, negam a natureza humana e contestam até mesmo as leis da física para patologizar nossa resistência” (El-Kurd, 2025: 15, tradução nossa). A força de *Psychoanalysis Under Occupation* está em tomar essas figuras como alvo, expor como a validação produzida nos laboratórios de pesquisa e escolas de psicanálise trabalha em favor da máquina genocida israelense.

Ao longo da obra, portanto, os autores vão nos confrontando com as cruéis estratégias do apartheid israelense de apagamento e controle ao mesmo tempo em que nos apresentam formas de enfrentamento e resistência construídas pelos palestinos em particular, mas também pelos árabes em geral. No que diz respeito à psicanálise temos seu já mencionado uso como ferramenta de validação do sionismo e patologização da resistência, mas ocorre também que



“mesmo um mapeamento superficial de uma história da psicanálise árabe é tão difícil porque a colonialidade da própria psicanálise estrutura os árabes e povos colonizados como ‘fora’ de sua tradição. Nós, como povos racializados e colonizados, temos acesso à psicanálise apenas como um acompanhante que repete a lógica e a linguagem colonial” (Sheehi & Sheehi, 2022: 18, tradução nossa).

O que está em disputa, e aquilo pelo qual lutamos, não são somente as fronteiras do território palestino, invadido e parasitado pela ocupação sionista. A luta que deve interessar a psicanalistas é também pelas fronteiras do campo psicanalítico. Até onde estaremos dispostos a ir, incorporando discussões e reflexões de outros campos para tornar a psicanálise efetivamente uma prática libertadora? O que precisaremos arrancar, à força, das raízes de nossa disciplina para que ela não siga produzindo e reproduzindo violência, controle, submissão? Quando vamos finalmente enfrentar as estruturas de poder das instituições de psicanálise que não apenas colaboram como também lucram com a manutenção da dominação não apenas dos palestinos, mas de diversos outros povos no Sul global?

Depois de percorrer o caminho proposto em *Psychoanalysis Under Occupation*, todo psicanalista deve se perguntar o quanto está disposto a ceder a esse sistema (colonial, patriarcal, capitalista); deve refletir sobre quanto vale sua dignidade e decidir se vai fincar o pé e cerrar fileiras com os condenados da terra, fazendo valer a potencialidade libertadora da psicanálise. Temos aqui, em *Psychoanalysis Under Occupation*, um bom mapa para realizar esse propósito.

Referências

- EL-KURD, M. (2025). *Perfect victims and the politics of appeal*. Chicago: Haymarket Books.
- SAID, E. (2012) [1992]. *A questão da Palestina*. Trad. Sonia Midori. São Paulo: Unesp.
- SHEEHI, L.; SHEEHI, S. (2022). *Psychoanalysis under occupation: practicing resistance in Palestine*. New York: Routledge.

ANEDOTA



Sami J. Racy

Traduzido por Yara Osman e Gustavo Racy

Al Jaliah, 30 de novembro de 1923

Coluna Anedotas – ju3bat al dhurafa2

NOTA DO EDITOR

Talvez eu não esteja errado ao dizer que de cada dez leitores da Al Jaliah quatro sabem quem é Jubran Bunduqi. E talvez a maioria dentre estes quatro saibam de sua personalidade: comerciante, trabalhador esforçado e amigo leal. Entretanto, o que a maioria talvez não saiba é que ele é um literato de alma leve, amante de piadas e alguém que sempre tem uma resposta na ponta da língua. É dele a seguinte anedota, e não fosse ele seu autor, teria sido sem dúvida seu editor.

Numa mesa daquelas do restaurante de Yusuf Lutfi, sentaram-se, reservando-lhe os títulos: Jubran, Aziz Samin, Bechara e Jamil Mhardawi, Chakib Jrab, Chafic Gabril, Zaki Dib, Amin Siriani e Chafic Khoury, Mkhail Malouhi, Mkhail Nassif Farah, Anis Racy e Abdullatif Younes. O prato de verduras repousava em frente a Jubran, quando Anis Racy, brincando, disse-lhe:

- Jubran, você não deixou nada de haxixe[1] para nós.

Ao que Jubran respondeu:

- E você, charhou.



Aziz Samin disse, então, com seu sotaque egípcio:

- O que isso quer dizer sr. Jubran?

Jubran, novamente, respondeu:

- Dizem que Tannous Boutros, que era bem de vida, trouxe sua esposa para morar numa das casas da rua 25 de março. Ali, ele abriu uma conta na mercearia de seu vizinho, com a condição de pagar a pendura ao fim de cada mês. Nessa época quem fazia as compras era sua empregada, que sempre levava consigo um caderno. O merceiro lhe entregava os pedidos, anotando no caderno o nome do produto, a quantidade e o preço, e o devolvia à empregada para que o levasse à patroa.

[1] Salada

Assim que o primeiro mês terminou, a mulher de Tannous, pegando o caderno para revisar as contas, levantou-se espantada e consumida pela raiva, antes mesmo de terminar a revisão da primeira página. Mal entrando em casa, começou a ralhar com Tannous, dizendo-lhe:

“Você confia naquele merceeiro que nos rouba como se dinheiro nascesse em árvore?”

“O que você quer dizer com isso, mulher?” - disse Tannous.

“Pegue o caderno e veja por si mesmo” - a mulher respondeu - “Entre um produto e outro, aquele maldito escreve ‘*charhou*’. Nós não compramos *charhou*, não vimos *charhou*, e esse *charhou* nunca nem entrou em casa. Então é melhor você ir até esse ladrão e explicar que ele não vai conseguir roubar gente educada e alfabetizada!”

Tannous, enrolando seu bigode, disse:

“Tem razão, mulher. Me dê esse caderno para eu ver qual é o problema”.

Assim fazendo, foi até o vizinho:

“Assim fazem as pessoas educadas, meu bom vizinho? Confiamos e colocamos nossa esperança em você, só para você nos roubar? *Mashallah!* Que honesto!”

O merceeiro ficou atordoado.

“Não sei o que quer dizer com isso, meu amigo” - ele disse.

“E de onde você tirou esse *charhou* entre um produto e outro na conta? Só para duplicar a conta, é claro! Nós não pedimos *charhou*, não sabemos como é, e se alguma vez experimentamos, que vire veneno em nosso estômago!”

O merceeiro riu:

“Me dê o caderno, Tannous. No dia 5 sua empregada pegou um quilo de açúcar; no dia seguinte voltou para outro quilo. O preço do quilo é 14 centavos. Dia 7 ela levou meio quilo de margarina e no mesmo dia voltou para mais meio quilo. *Charhou* significa ‘igual’, ‘também’, ‘idem’, que se repete toda vez ao contar os metros de tecido. Entendeu?”

“Você tem razão. Minhas desculpas, vizinho” - assentiu.

Tannous, enfim, pagou a conta e voltou para casa. Sua mulher o esperava à porta, esperando, também, a cabeça do merceeiro. Mal passada a soleira, a mulher lhe disse:

“O que aconteceu, homem? O que aquele maldito te disse?”

Tannous respondeu:

**“Me disse que eu sou burro;
e você, *charhou*”.**

SOBRE OS AUTORES

Mohammed Al Saghir Ouled Ahmed (Sidi Bouzid, 1955 - Túnis, 2016)

Foi um poeta tunisiano, militante de esquerda contra as opressões dos regimes de Habib Bourghiba e, depois, Zine Ben-Ali. Advindo de uma região historicamente marginalizada, Ahmed estudou animação em Gafsa e, posteriormente psicologia em Reims (França). Começou a escrever aos 25 anos e, ao longo de sua vida, foi engajado nas lutas por justiça social. Sua poesia é considerada um patrimônio da Tunísia.



Muwaffaq Al Hajjar

É poeta, artista e pesquisador independente sírio baseado em Naarm (Melbourne), no território ocupado pelo Estado da Austrália. É mestre em Literatura Comparada e explora temas como o exílio, a memória, a justiça espacial e as políticas do self. É autor de duas coletâneas poéticas e contribuiu com diversas antologias literárias. É fundador da Revista Shirwmir.

Douglas Lambert

Editor de vídeo, roteirista, jornalista e fotógrafo, tem trabalhos publicados pela Folha de S.Paulo, Canal Futura, Combate, Arte1 e UOL, além de colaborar com institutos culturais como Itaú Cultural, entre outros. Entre editor, roteirista, fotógrafo e quadrinista, foi parte da equipe vencedora de cinco prêmios com “A Batalha de Belo Monte” (2013), dois ExxonMobil de Jornalismo e do Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos.



Mustafa Lutfi Al Manfaluti (Manfalut, 1876 - Cairo, 1924)



Mustafa Lutfi Al Manfaluti foi um romancista, novelista e ensaísta egípcio. Tornou-se famoso por seu domínio da língua árabe ao adaptar diversas peças teatrais europeias. Tendo recebido uma educação religiosa, Manfaluti memorizou o Alcorão aos 12 anos de idade. Tal educação, somada ao contexto social da *Nahda*, sem dúvida contribuíram para sua preocupação de caráter social, preocupando-se, em seus escritos autorais, com a desigualdade social e de gênero. Foi um dos escritores mais importantes da virada do século, mesclando religiosidade e modernidade.

Adma Muhana

Doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1996). Professora livre-docente da área de Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo (2011). Pós-doutorado na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (2012) e no CRIA-ISCTE (2017-2018).



Yara Osman

Fotógrafa, pianista e tradutora, formada em odontologia, nasceu em Lataquia, Síria, em 1989. Desde 2021, trabalha com tradução, começando com a tradução de *Retrato de um Certo Oriente*, filme de Marcelo Gomes, e *Vir de Tão Longe*, livro de relatos de autoria de Victor Graize. É diretora da *Al Jaliah*.

Marcus Vinicius Neto Silva

Psicólogo e psicanalista, doutor em Psicologia pela UFMG. Tradutor. Integra o Grupo de Pesquisa Independente sobre a Psicanálise na Palestina e o Grupo de Pesquisa de Coletivos e Clínicas Públicas de Psicanálise em Belo Horizonte.





João Sousa

É fotógrafo e fotojornalista. Viveu por cinco anos entre nômades, anarquistas, artistas, refugiados e pastores, eventualmente fixando-se no Líbano. Colaborou com diversas iniciativas, como a USAID, Norwegian Church Aid Fairtrade e The Volunteer Circle.

Gustavo Racy

Professor substituto do Departamento de Antropologia da UFPR, é doutor em antropologia pela Universidade da Antuérpia e pesquisador da PUC-SP e da UNIFESP. É um dos diretores da Al Jaliah.



Sami Joaquim Racy

(Saida, 1880 - São Paulo, 1927)



Sami Joaquim Racy foi o fundador e diretor da Al Jaliah original. Depois de diversas empreitadas comerciais em São Paulo, fundou a revista que lhe rendeu grande sucesso até sua morte prematura em 1927. Dentre seus diversos escritos, destaca-se o *Kitab al-Wajibat* (Livro das Incumbências), de 1911. Contribuiu com diversas reflexões, traduções, análises e anedotas ao longo dos anos à frente da *Al Jaliah*, sendo sucedido por seu irmão, Beny.

ALJALIAH

aljaliahbr@gmail.com

[Sigam-nos nas redes sociais](#)



الجالية

